

vida pastoral

setembro-outubro de 2026 • ano 67 • número 371

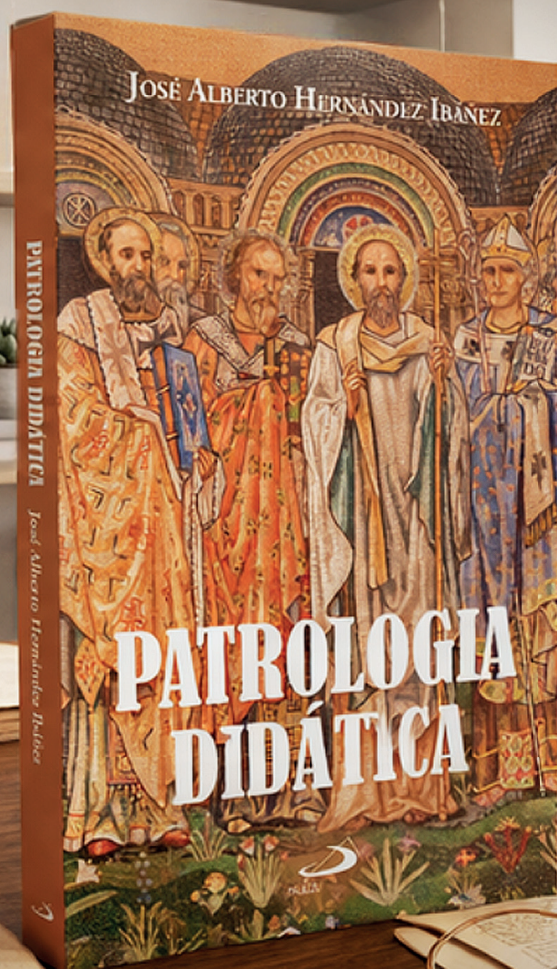


MÊS DA BÍBLIA 2026 LIVRO DE DANIEL

Fidelidade e esperança no Deus vivo

"Seu reino jamais será destruído" (Dn 7,14)

UM GUIA ACESSÍVEL E
FORMATIVO PARA O ESTUDO DA
**DOUTRINA E DA ESPIRITUALIDADE
DOS PADRES DA IGREJA.**



Neste livro
você encontra:

- Visão geral da época patrística;
- Orientações para leitura dos textos;
- Conteúdo didático e progressivo;
- Incentivo ao contato com as fontes originais.

**Um conteúdo valioso para quem deseja
compreender as raízes da fé cristã.**



**ADQUIRA
JÁ!**



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus

Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

**vida
pastoral**

Esta edição de *Vida Pastoral* mergulha no coração do Mês da Bíblia 2026 com o estudo do livro de Daniel e o lema: “Seu reino jamais será destruído” (Dn 7,14). Enquanto os impérios humanos emergem e desmoronam no palco da história, o Reino de Deus permanece como fundamento seguro. Daniel não nos oferece uma fuga da realidade, mas uma lente de resistência: a Palavra de Deus é a direção que guia e sustenta o povo fiel diante das forças que tentam desumanizar a vida.

Como ensina o Pe. Shigeyuki Nakanose, o livro de Daniel nasce no fogo da perseguição de Antíoco IV Epifanes, no século II a.C. Suas imagens de estátuas colossais e feras monstruosas são uma denúncia teológica contra o imperialismo que idolatra o lucro e o poder. Em diálogo, a Ir. Aíla Luzia revela o contraste cosmológico: enquanto os reinos opressores surgem do mar caótico como monstros predatórios, o projeto de Deus desce das nuvens na figura de um “filho de homem”. É o triunfo do Humano sobre a Besta. O “bestial”, aqui, refere-se ao poder que se desfigura ao abandonar a ética; o poder que não serve a justiça perde sua face humana e torna-se predatório. A soberania divina, em contrapartida, não é um domínio de força bruta, mas a restauração de uma sociedade fundada no amor.

Contudo, a opressão não veste apenas mantos reais: ela se infiltra nas estruturas de julgamento e no cotidiano das relações. A profa. Maria Antônia resgata o “grito silenciado” de Susana (Dn 13). Nessa narrativa, vemos a resistência da mulher que prefere a morte à corrupção da Lei e ao assédio de juízes iníquos. Susana é o “Lírio” – o povo fiel – que, mesmo cercado pelos espinhos do patriarcado e da corrupção, não dobra os joelhos. O jovem Daniel surge como o sopro de Deus para desmascarar a hipocrisia, lembrando-nos que a pastoral do cuidado deve estar atenta às “Susanas” de hoje. O feminicídio e a violência

de gênero são feridas abertas e gritos diários em nossa sociedade; ignorá-los é compactuar com o silenciamento que o texto bíblico condena. A justiça de Deus exige a proteção da vida das mulheres contra toda forma de vilipêndio.

Para atravessar as “covas de leões” e as “fornalhas ardentes” da atualidade, o prof. Luiz Alexandre aponta para o coração espiritual de Daniel: a oração perseverante. Daniel não improvisa sua coragem; ela é fruto de uma disciplina diária, de janelas abertas voltadas para o eterno. A oração não é alienação, mas “pedagogia da presença”. Ela reordena o tempo, desloca o centro da vida do ego para Deus e gera a liberdade interior necessária para resistir a decretos injustos. Sem templo físico, Daniel faz do próprio coração o santuário móvel da fidelidade.

A Palavra de Deus ilumina nossa oração e toda a nossa ação pastoral. Por isso, contamos também com a valiosa inspiração do Pe. Maicon Malacarne e seus roteiros homiléticos, que nos ajudam a meditar e viver a Palavra em comunidade, encarnando o Evangelho na liturgia e na vida.

Iluminada pela Palavra de Deus, a comunidade cristã está atenta à realidade do mundo presente e sua ação no mundo é banhada de profecia. O livro do profeta Daniel ensina que todo profeta é artesão da palavra e que o seu anúncio carrega em si também uma denúncia.

Esta edição é um convite à esperança ativa. Somos convocados para identificar as feras que devoram a dignidade humana, proteger a honra dos vulneráveis e cultivar uma vida de oração que sustente nosso testemunho profético. Que o Deus vivo, que livrou Daniel e salvou Susana, caminhe conosco nas fornalhas da história.

Boa leitura e frutuosa missão!

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Editor

vida pastoral

Revista bimestral para ministros
ordenados e agentes de pastoral

Ano 67 • Nº 371

setembro • outubro de 2026



© PAULUS – 2026

Pia Sociedade de São Paulo

Rua Francisco Cruz, 199

04117-091 – São Paulo - SP

paulus.com.br

ISSN – 0507-7184

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp

Editor

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Redação

vidapastoral@paulus.com.br

Conselho editorial

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Pe. Darci Luiz Marin, ssp

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp

Pe. Paulo Sérgio Bazaglia, ssp

Imagens

Romolo Picoli Ronchetti

Diagramação

Andrea Cristina Florez Marin

Revisão

Alexandre Santana

André Odashima

Impressão - PAULUS

Versão digital

vidapastoral.com.br



Periódico de divulgação científica.

Área:

Humanidades e artes.

Curso: Teologia.

SUMÁRIO

FIDELIDADE E ESPERANÇA NO DEUS VIVO: ENTENDENDO O LIVRO DE DANIEL

Prof. Dr. Shigeyuki Nakanose, svd 4

OS REINOS BESTIAIS E O REINADO HUMANO EM DANIEL 7: CRÍTICA APOCALÍPTICA AO PODER IMPERIAL

Ir. Dra. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade 14

O GRITO SILENCIADO EM SUSANA: UMA LEITURA DE DANIEL 13

Profa. Dra. Maria Antônia Marques 22

DANIEL: MODELO DE ORAÇÃO E PERSEVERANÇA EM MEIO ÀS CRISES DA VIDA

Prof. Dr. Luiz Alexandre Solano Rossi 30

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Pe. Ms. Maicon André Malacarne 38

DESTAQUE!

Folheto Missa pelo
Cuidado da Criação



Adquira
já

FAÇA SUA ASSINATURA DA REVISTA VIDA PASTORAL



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!

Para mais informações, entre em contato:

paulus.com.br/loja

☎ (11) 3789-4000 | 0800 016 40 11

☎ (11) 3789-4000

✉ assinaturas@paulus.com.br

📱 @editorapaulus

Livrarias Paulus

APARECIDA/SP

Centro de Apoio aos Romeiros, s/nº
Lojas 44, 45, 78, 79 – Norte B
CEP: 12576-028 | Tel.: (12) 3600-9999
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU/SE

Rua Laranjeiras, 319 – Centro
CEP: 49010-000 | Tel.: (79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM/PA

Rua Vinte e Oito de Setembro, 61
Campina – CEP: 66019-100
Tel.: (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE/MG

Rua da Bahia, 1148
Ed. Arcângelo Maletta – Centro
CEP: 30160-906 | Tel.: (31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BOA VISTA/RR

Avenida Ville Roy, 5911, sala 01
Centro – CEP: 69301-000
Tel.: (95) 3212-5340
boavista@paulus.com.br

BRASÍLIA/DF

SCS – Q.1 – Bloco L – Ed. Central
Loja 15 – Asa Sul – CEP: 70304-900
Tel.: (61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINA GRANDE/PB

Rua Afonso Campos, 233 – Centro
CEP: 58400-235 | Tel.: (83) 3182-0659
campinagrande@paulus.com.br

CAMPINAS/SP

Rua Barão de Jaguará, 1163
Centro – CEP: 13015-002
Tel.: (19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE/MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
CEP: 79002-005 | Tel.: (67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL/RS

Av. Júlio de Castilhos, 2029 – Centro
CEP: 95020-485 | Tel.: (54) 3221-8266
caxias@paulus.com.br

COTIA/SP

Rua das Acácias, 58 – Jardim da Glória
CEP: 06711-510 | Tel.: (11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

CUIABÁ/MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
Centro – CEP: 78005-420
Tel.: (65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA/PR

Praça Rui Barbosa, 599 – Centro
CEP: 80010-030 | Tel.: (41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS/SC

Rua Jerônimo Coelho, 119 – Centro
CEP: 88010-030 | Tel.: (48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA/CE

Rua Floriano Peixoto, 523
Praça do Ferreira – Centro
CEP: 60025-130 | Tel.: (85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA/GO

Rua Seis, 201 – Centro
CEP: 74023-030 | Tel.: (62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

GUARAPUAVA/PR

Rua XV de Novembro, 7466, loja 01
Centro – CEP: 85010-000
Tel.: (42) 3303-2712
guarapuava@paulus.com.br

JOÃO PESSOA/PB

Rua Peregrino de Carvalho, 134 – Centro
CEP: 58010-790 | Tel.: (83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA/MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590 – Centro
CEP: 36016-311 | Tel.: (32) 3313-4390
juizdefora@paulus.com.br

MACEIÓ/AL

Rua Barão de Alagoas, 32 – Centro
CEP: 57020-210 | Tel.: (82) 3142-0544
maceio@paulus.com.br

MANAUS/AM

Rua Itamaracá, 21 – Centro
CEP: 69010-210 | Tel.: (92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL/RN

Rua Coronel Cascudo, 333 – Cidade Alta
CEP: 59025-260 | Tel.: (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PETROLINA/PE

Rua Coronel Amorim, 106, lojas 04 e 05
Ed. João Paulo I – Centro – CEP: 56302-320
WhatsApp: (87) 9801-0022
petrolina@paulus.com.br

PORTO ALEGRE/RS

Rua José Montauray, 155 – Centro
CEP: 90010-090 | Tel.: (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE/PE

Rua Camboado Carmo, 83
Freguesia de Santo Antônio
CEP: 50010-390 | Tel.: (81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO/SP

Rua São Sebastião, 621 – Centro
CEP: 14015-040 | Tel.: (16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO/RJ

Rua México, 111-B – Castelo
CEP: 20031-145 | Tel.: (21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR/BA

Rua Direita da Piedade, 75 – Barris
CEP: 40070-190 | Tel.: (71) 3321-0126
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ/SP

Rua Campos Sales, 255 – Centro
CEP: 09015-200 | Tel.: (11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO/SP

Rua Quinze de Novembro, 2826
Centro – CEP: 15015-110
Tel.: (17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS/MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
CEP: 65015-370 | Tel.: (98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO/SP

Praça da Sé
Praça da Sé, 180 – Centro
CEP: 01001-001 | Tel.: (11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

Vila Mariana

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metró. VI. Mariana
CEP: 04117-040 | Tel.: (11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA/SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro
CEP: 18035-200 | Tel.: (15) 3442-4300
sorocaba@paulus.com.br

TERESINA/PI

Rua Rui Barbosa, 45 – Centro
CEP: 64001-090 | Tel.: (86) 3142-1295
teresina@paulus.com.br

UBERLÂNDIA/MG

Avenida Cesário Alvim, 757, loja 01
Centro – Uberlândia
Tel.: (34) 2512-4358
uberlandia@paulus.com.br

VITÓRIA/ES

Rua Duque de Caxias, 121 – Centro
CEP: 29010-120 | Tel.: (27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br

LOJA VIRTUAL

WhatsApp: (11) 3789-4000
loja.paulus.com.br

VENDAS E DISTRIBUIÇÃO

Av. Sir Henry Wellcome, 335
Pq. Alexandre
CEP: 06714-050 | Cotia/SP
Tel.: (11) 3789-4000 – 0800 016 40 11
WhatsApp: (11) 3789-4000
vendas@paulus.com.br

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR

(11) 3789-4000
sac@paulus.com.br

Prof. Dr. Shigeyuki Nakanose, svd*

*Shigeyuki Nakanose, svd, é assessor do
Centro Bíblico Verbo e professor no Instituto
São Paulo de Estudos Superiores (Itesp).
E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br

FIDELIDADE E ESPERANÇA NO DEUS VIVO

Entendendo o livro de Daniel





O livro de Daniel, em linguagem apocalíptica, alimenta a fidelidade, a resistência e a esperança na luta do povo fiel a Deus contra o império opressor de Antíoco IV Epífanes, rei selêucida, no século II a.C. (Dn 11,21-39). Aponta os sinais de esperança presentes na ação do Deus vivo e libertador, ao longo da história de Israel, para a restauração do Reino de Deus (Dn 6,26-29; 7,9-28), uma sociedade fundada na justiça, no amor e na fraternidade (Dn 4,24; 12,3).

Abrindo o livro de Daniel, encontramos imagens e narrativas fascinantes:

- A grande estátua com a cabeça de ouro, peito e braços de prata, ventre e coxas de cobre, pernas de ferro e pés de ferro e de barro (Dn 2,1-49);¹
- A estátua de ouro e os três jovens na fornalha (3,1-97);
- O sonho da árvore gigantesca (3,98-4,34);
- O banquete do rei Baltazar com o mistério da mão que escreve uma mensagem incompreensível (5,1-6,1);
- O rei divinizado e Daniel na cova de leões (6,2-29);
- As quatro feras com o ancião e a figura humana (7,1-28);
- A visão sobre o carneiro e o bode (8,1-27);
- A visão terrível dos perseguidores (10,1-11,45);
- O anúncio de Miguel sobre a salvação e a ressurreição (12,1-4).

O livro de Daniel é construído com narrativas fictícias, novelas, alegorias com visões e sonhos, que são os principais recursos da literatura apocalíptica. Esse texto, escrito no século II a.C., é uma obra apocalíptica importante para

defender as tradições de Israel, suscitando a fidelidade, a resistência e a esperança do povo fiel a Deus, contra o imperialismo selêucida (grego), cujas consequências são a injustiça, a concentração de poder, as perseguições e as opressões praticadas pelos generais selêucidas, sobretudo pelo rei Antíoco IV Epífanes.

1. Literatura apocalíptica

A literatura apocalíptica se encontra no Antigo Testamento desde o tempo do Império Persa, devido ao seu domínio opressor (cf. Is 65,17-25; Ap 21,1; 2Pd 3,13). Contudo, é no período entre 200 a.C. e 100 d.C. que esse tipo de literatura floresceu. O objetivo desses escritos é animar as comunidades ameaçadas em todos os sentidos, também em sua existência, pelos Impérios Grego e Romano (cf. numerosas obras apócrifas, como o *Livro de Enoque*, a *Assunção de Moisés* etc., que influenciaram as origens do cristianismo, por exemplo: Jd, 2Pd). O gênero literário apocalipse é marcado por várias características. Eis algumas:

- a. *Apocalíptica*: o termo “apocalipse” é a transcrição de uma palavra grega que pode ser traduzida por “revelação” (Ap 1,1-2). Toda obra apocalíptica supõe uma revelação que Deus faz aos homens e às mulheres sobre a história, o cosmos, o fim dos tempos, o futuro e a intervenção

1 Onde não estiver indicado o livro bíblico, a citação é do livro de Daniel. Os textos foram extraídos da *Nova Bíblia Pastoral*. São Paulo: Paulus, 2014.

divina, muitas vezes utilizando simbolismo, visão e linguagem enigmática.

- b. *A história*: a apocalíptica apresenta-se como a revelação de um conhecimento secreto – que teria sido recebido no passado – sobre o presente e sobre o futuro, estando este muito próximo de acontecer (o fim dos tempos). É uma forma de contar a história mostrando que, apesar de toda a força e poder dos impérios e de todo o sofrimento que o povo está vivendo, Deus não perdeu o controle da história e logo irá intervir para punir os opressores e trazer paz e justiça ao seu povo fiel e justo. O fato de o povo perseguido e sofrido ter uma visão ampla da história, na ótica da vitória final dos justos (o juízo final de Deus), suscita nele a fidelidade, a resistência e a esperança. A história é instrução que ensina o povo a resistir para viver!
- c. *Dualismo* (bem e mal): a história é vista como o campo de combate entre o bem e o mal. O mal, representado pelos poderosos e perversos, persegue o bem, os fiéis a Deus. No final desse combate, os fiéis serão libertos e salvos pela ação de Deus, e o reino do bem se estabelecerá no fim dos tempos, que já está sendo anunciado.
- d. *O imperialismo*: o movimento apocalíptico é marcado pela opressão violenta e sistemática dos impérios tiranos – guerras, tributos, fome, miséria, escravidão, comércio abusivo, perseguição cultural e religiosa e idolatria (imperialismo). No pós-exílio, a partir de 538 a.C., quando os grandes impérios (Persa, Grego e Romano) dominaram o mundo, o movimento profético, em sua forma clássica, foi desaparecendo (Sl 74,9) e surgiu o movimento apocalíptico como meio de protesto e de resistência do povo, que esperava o fim do império.
- e. *Fidelidade, resistência e esperança*: os autores apocalípticos produzem, sob a

PLANO DE LEITURA ANUAL DA BÍBLIA

Pe. Paulo Bazaglia, ssp



O livro propõe um percurso para a leitura de toda a Bíblia ao longo de um ano. Indicam-se três leituras a cada dia, duas do Antigo Testamento e uma do Novo Testamento.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

opressão e a perseguição dos impérios, os livros em linguagem simbólica (visões, números, sonhos, novelas), compreensível para seu povo, a fim de fortalecer a fidelidade, estimular a resistência e apon-
tar sinais de esperança presentes na ação de Deus ao longo da história.

2. O contexto do livro de Daniel

O conjunto do livro de Daniel apresenta uma história ampla (Babilônia, Média, Pérsia, Grécia). Mesmo que o autor do livro remonte seus escritos a um passado distante – o exílio da Babilônia e o início do Império Persa –, com as personagens Nabucodonosor (3,1) e Dario (6,1), uma leitura mais atenta nos leva a concluir que o livro reproduz a realidade do período dos generais selêucidas, sobretudo do rei Antíoco IV, entre os anos 175-164 a.C.: as menções da perseguição de Antíoco IV (7,24-25; 8,9-12; 11,21-39), da profanação do templo, da construção de um altar a Zeus Olímpico (“o ídolo abominável”: 8,13; 9,27; 11,31; 12,11; cf. a “abominação da desolação” em 1Mc 1,54), do martírio de “homens esclarecidos” (11,33-35; cf. 1Mc 1,56-64) etc.

Os generais de Alexandre Magno, imperador que venceu os persas e consolidou o Império Grego (333 a.C.), continuaram, nos territórios dominados, o processo de expansão da helenização (ou seja, do espírito do imperialismo, com a busca desenfreada de bens, poder, prazer e honra mediante a implantação da cultura grega: cf. Sb 2). Antíoco III (223-187 a.C.), general dos Selêucidas com sede na Síria, intensificou a helenização na Palestina. Seu filho Antíoco IV Epífanes (175-164 a.C.), que carregava a dívida de guerra de seu pai com o Império Romano, por ter perdido a batalha em Magnésia (189 a.C.: cf. Dn 11,18), incrementou desesperadamente a helenização, usando o exército, o comércio e a religião, em busca de riqueza e de poder (1Mc 3,41). Ele fez campanha no Egito e saqueou o templo de Jerusalém (169 a.C.; cf. 1Mc 1,16-28; 2Mc 5,15-23).

Na implantação da helenização, da cultura e religião grega na Judeia, Antíoco IV Epífanes emitiu um decreto (167 a.C.), extinguindo as práticas da religião judaica (interdições alimentares da Lei: 1,5-8; 2Mc 6,18-31 etc.), consideradas como expressão da identidade judaica: “o rei mandou a Jerusalém e às cidades de Judá um documento com várias ordens: tinham de adotar a legislação estrangeira; proibia oferecer holocaustos, sacrifícios e libações no santuário e também guardar os sábados e festas. Quem não obedecesse à ordem do rei, morreria” (1Mc 1,44-45.50; cf. Dn 11,31).

A longa dominação imperialista (Babilônia, Pérsia, Grécia) chegou ao auge com Antíoco IV. Não bastavam a exploração econômica e a opressão política: o espírito da helenização do império estava ameaçando exterminar a cultura e a religião judaica, apagar a mais profunda identidade do povo judeu. Nesse contexto, alguns judeus, motivados por interesses econômicos e políticos (empregos, acordos comerciais, benefícios e cargos políticos, como intermediários da opressão), seguiram o decreto de Antíoco IV, assumindo padrões e costumes da cultura grega (1Mc 1,43.52).

No entanto, muitos judeus resistiram aos opressores gregos e até partiram para a luta armada, como a insurreição de Matatias com seus filhos, que receberam o apelido de Macabeus (1Mc 2,1-48). Ao grupo dos Macabeus se agregaram alguns piedosos, *hassidim* ou assideus (1Mc 2,42), que eram um grupo religioso, fiel e devoto à Torá e às próprias tradições. Outros eram contra a resistência militar, pregando a resistência religiosa e a não violência (11,32-35). Posteriormente, a partir deles surgiram o movimento dos fariseus e o dos essênios.

“O livro de Daniel é construído com narrativas fictícias, novelas, alegorias com visões e sonhos, que são os principais recursos da literatura apocalíptica.”

3. Autor, redação e estrutura

O título “Daniel” é um pseudônimo, nome adotado pelo autor ou responsável pela obra. É possível que seja um nome inspirado no lendário Daniel, citado por Ez 14,14.20, ao lado de Noé e Jó. Daniel significa “Deus é meu juiz” ou “Deus faz justiça”. O autor apocalíptico usa esse nome para apresentar o julgamento e a justiça de Deus contra a perseguição e a opressão do imperialismo grego.

O livro de Daniel foi escrito em três línguas diferentes: hebraico (1,1-2,4a; 8,1-12,12), aramaico (2,4b-7,28, com acréscimo em grego de Dn 3,24-90) e grego (13,1-14,42). O livro, portanto, passou por um longo período de formação, com a junção de várias histórias de diferentes momentos, que foram reunidas por um editor final. Muito provavelmente, o grupo piedoso dos “homens esclarecidos” (11,35; 12,3) é o redator do livro de Daniel, dado que o livro salienta a fidelidade à Torá e às próprias tradições judaicas, admitindo a possibilidade do martírio (3,19-21; 6,17-18).

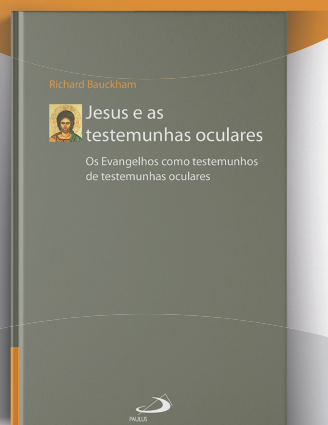
Na redação final, o livro de Daniel tem duas partes com mais duas pequenas unidades anexadas no fim. A primeira (1,1-6,29) conta a história de Daniel e seus companheiros na corte dos imperadores Nabucodonosor e Dario, resistindo aos poderosos do império, permanecendo fiéis à Lei e às suas tradições e enfrentando fornalhas e covas de leões nas execuções de morte; assim são salvos pelo único Deus vivo, libertador e protetor da vida. A segunda (7,1-12,13) contém a visão mais ampla da história, apresentada como uma sequência de surgimentos e declínios dos impérios (as quatro feras: Babilônia, Média, Pérsia, Grécia), que serão derrubados pela ação de Deus, o único absoluto; assim se aproxima o Reino de Deus, a ressurreição e a salvação definitiva, animando a fidelidade, a resistência e a esperança dos fiéis a Deus.

O primeiro anexo narra a história de Susana (13,1-64), na qual Daniel é apresentado como sábio, com o dom do discernimento, salvando

JESUS E AS TESTEMUNHAS OCULARES

OS EVANGELHOS COMO TESTEMUNHOS DE TESTEMUNHAS OCULARES

Richard Bauckham



A questão de os Evangelhos serem baseados em relatos de pessoas que presenciaram os fatos tem sido longamente discutida. Richard Bauckham demonstra não só que os Evangelhos contêm evidências de testemunhas oculares, mas também que seus primeiros leitores as tinham certamente reconhecido como tais.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



“ O movimento apocalíptico é marcado pela opressão violenta e sistemática dos impérios tiranos – guerras, tributos, fome, miséria, escravidão, comércio abusivo, perseguição cultural e religiosa e idolatria (imperialismo). ”

da morte uma mulher inocente, fiel a Deus. O segundo narra a história de Bel e o Dragão (14,1-42), na qual Daniel desmascara o culto a Bel e ao Dragão, a idolatria e a superstição dos babilônios, representantes dos infiéis ao Deus verdadeiro. O Deus único de Israel protege e salva os que o amam (14,38). Os anexos são um suplemento do livro para fortalecer a fé no poder de Deus e agir com sabedoria e fidelidade à Torá e à religião de Israel, mesmo em meio às perseguições.

4. Principais mensagens

O autor desconhecido, talvez pertencente ao grupo dos piedosos, oferece a seu povo, cruelmente perseguido por Antíoco IV Epífanes, as seguintes mensagens de orientação, encorajamento e esperança:

- a. *A crítica ao poder opressor do império, aos seus ídolos e à sua idolatria* (a estátua de ouro, a árvore gigantesca, o rei divinizado etc.): o autor tenta incutir a fé no Deus vivo e a fidelidade à religião e cultura judaicas, ameaçadas pelo poder opressor do império tirano com sua idolatria (Antíoco IV chega a colocar-se no lugar de Deus, motivo pelo qual adotou o

sobrenome Epífanes – “deus manifesto”: o culto ao rei divinizado em Dn 6,6-10), que tenta impor aos judeus, com violência, sua política junto com a religião e os costumes, a serviço de seu lucro e poder.

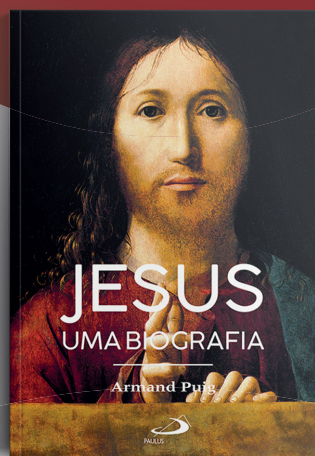
- b. *O governante com justiça e misericórdia* (Nabucodonosor e Dario convertidos – 4,16-34; 6,26-29): o imperador absolutista deve converter-se e aprender que o poder pertence apenas ao Deus altíssimo; o governante deve praticar a justiça e a misericórdia para com os pobres e construir a alternativa do Reino de Deus (4,24).
- c. *Deus vivo* (6,21.27): o autor descreve o Deus de Israel como o Deus vivo, criador, libertador e protetor da vida, que triunfa sobre os poderosos imperialistas, obrigando-os a reconhecê-lo como o único todo-poderoso no céu e na terra. No sofrimento e na perseguição, Deus criador altíssimo liberta e salva aquele que é justo e fiel à cultura e à tradição de Israel e que está disposto a sofrer o martírio para não desobedecer aos preceitos de sua fé (3,1-6,29; 11,33-35).
- d. *A total fidelidade a Deus* (os três jovens na fornalha, Daniel na cova dos leões,

os homens esclarecidos etc.): a fidelidade à Lei e à tradição, expressa nas práticas religiosas, é salientada como um dos caminhos para enfrentar o poder opressor. Essa fidelidade a Deus deve ser total: fidelidade às tradições de Israel não só interiormente, mas também exteriormente, a ponto de correr o risco do martírio (3,19-21; 6,17-18).

- e. *O senhorio de Deus atuante na história* (as quatro feras destruídas, o carneiro e o bode etc.: 7,1-12,13): o livro de Daniel apresenta uma teologia da história, ou seja, uma leitura profunda da história com a fé no Deus atuante da vida. O livro aponta os sinais de esperança presentes na ação divina ao longo da história, provando a soberania de Deus sobre todos os povos, entre os quais o povo oprimido por Antíoco IV; a libertação do povo de Deus; o juízo definitivo no final dos tempos; a instalação do Reino eterno e universal de Deus (7,14.27; 2,44; 6,27). Tudo isso ajuda o povo de Deus a enfrentar os momentos de crise e tribulação, na espera do fim do império.
- f. *O Reino de Deus com o “povo dos santos do Altíssimo”, representado pelo filho de homem* (7,1-28): o povo fiel ao projeto do Deus de amor e de justiça (4,24; 9,4) constrói o Reino de Deus, Reino que desmascara e destrói as pretensões dos impérios, fundados na injustiça e na contínua exploração, na produção de miséria e exclusão (2,24-49; 4,11-14). Instaura uma sociedade fundada na justiça e no amor, que produzem liberdade, partilha, solidariedade e fraternidade (4,23-24).
- g. *A não violência*: o autor do livro de Daniel, que pertence a uma parte do grupo dos piedosos justos (“homens esclarecidos”: 11,33; 12,3), propõe a resistência religiosa e não violenta, confiando na ação de Deus e esperando a salvação final.

JESUS: UMA BIOGRAFIA

Armand Puig



A obra propõe um diálogo com as diferentes percepções sobre a figura e a vida de Jesus, apresentado do ponto de vista da exegese histórico-crítica, com acentos teológicos e ecumênicos. Uma apresentação minuciosa e serena dos dados históricos disponíveis a respeito de Jesus.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



- h. *A ressurreição na vida eterna e gloriosa de Deus:* a fé na ressurreição dos justos e piedosos mártires na dimensão transcendente exprime a luta, a resistência e a esperança da utopia do Reino definitivo de Deus, no contexto da luta dos oprimidos e perseguidos contra os opressores imperialistas. Os mártires justos e piedosos, que ressuscitam historicamente na memória do povo (Sl 112,6), já animam e iluminam a caminhada da luta pela vida (11,33-35).
- i. *A esperança ativa:* o fim escatológico é a libertação do povo de Deus (12,1). No entanto, o fim apocalíptico não poderá ser conhecido antes de seu momento (12,9). Bem-aventurado é aquele que se mantém firme, espera e alcança o tempo determinado (12,2). Essa espera não deve ser passiva, mas, sim, ativa, na caminhada da construção do Reino de Deus (12,13).

UMA PALAVRA FINAL

No contexto histórico-social de Antíoco IV, o livro de Daniel apresenta, em linguagem cifrada (símbolos, visões, sonhos, novelas), a crítica e a condenação do imperialismo armamentista, que se movimentou por meio da concentração de riqueza e de poder, provocando a violência física e espiritual contra o povo fiel à tradição de Israel. O livro propõe a fidelidade, a resistência e a esperança na luta contra o império violento e opressor, apontando os sinais de esperança presentes na ação do

“ O livro de Daniel apresenta uma teologia da história, ou seja, uma leitura profunda da história com a fé no Deus atuante da vida. ”

Deus vivo e libertador ao longo da história de Israel, para a restauração do Reino de Deus, uma sociedade fundada na justiça, no amor e na fraternidade.

Quase dois mil anos se passaram, mas o imperialismo armamentista, com a manipulação ideológica e religiosa, continua devorando pessoas fracas e inocentes por meio de guerras, invasões, ditaduras brutais, trabalho escravo, economia selvagem, fome, violência espiritual, alienação...; até as igrejas que promovem a leitura fundamentalista da Bíblia tornam-se espaços férteis para conservar e justificar o espírito do imperialismo, fazendo, por exemplo, o livro de Daniel transformar-se em fantasias religiosas, arrancando-lhe a chance de animar a resistência contra o imperialismo à vista das transformações históricas.

vp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. *Nova Bíblia Pastoral*. São Paulo: Paulus, 2014.

GOLDINGAY, J. E. *Daniel*. Dallas, Texas: Word Books Publisher, 1989. (Word Biblical Commentary, v. 30).

NAKANOSE, S.; DIETRICH, L. J. (org.). *Uma história de Israel: leitura crítica da Bíblia e arqueologia*. São Paulo: Paulus, 2022.

SILVA, R. R. da. Mo(vi)mentos entre a imaginária da opressão e o imaginário da esperança: uma leitura do livro de Daniel. *RIBLA – Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana*, Petrópolis, n. 39, p. 82-100, 2001.

SMITH-CHRISTOPHER, D. L. *The book of Daniel*. Nashville: Abingdon Press, 1996. (The New Interpreter's Bible, v. VII).

STORNIOLO, I. *Como ler o livro de Daniel*. São Paulo: Paulus, 1994.

TOWNER, W. S. *Daniel: interpretation: a Bible commentary for teaching and preaching*. Atlanta: John Knox Press, 1985.

WIT, H. de. “Brilharão os entendidos...”: o livro de Daniel: perseguição e resistência. *RIBLA – Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana*, Petrópolis, n. 35/36, p. 136-151, 2000.

CENTRO BÍBLICO VERBO

Um centro de estudos que há mais de quarenta anos está a serviço da pastoral bíblica junto com o povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia.

Cursos intensivos e extensivos (presenciais e on-line)

O Centro Bíblico Verbo oferece cursos regulares de formação bíblica, em diferentes modalidades: Introdução ao Primeiro e Segundo Testamentos; Aprofundamento; Espiritualidade Bíblica; Tema do Mês da Bíblia; Hebraico e Grego etc.

Serviços às igrejas locais e outras entidades

A equipe do Centro Bíblico Verbo presta assessoria às dioceses, paróquias, comunidades, grupos de reflexão, colégios, congregações religiosas e outras entidades, no Brasil e em outros países.

Produção

O Centro Bíblico Verbo prepara subsídios para o Mês da Bíblia: livro; “Bíblia Gente” (*site*); vídeo (YouTube); artigo (*blog* e *site*) etc.

Mais informações:

E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br

Nossa página: www.cbiblicoverbo.com.br
facebook.com/cbiblicoverbo

CBVerbo

Ir. Dra. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade*

*Ir. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade pertence ao Instituto Religioso Nova Jerusalém. É doutora em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), pesquisadora da Pós-graduação em Teologia na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e autora da Editora Paulus. E-mail: aylanj@gmail.com



OS REINOS BESTIAIS E O REINADO HUMANO EM DANIEL 7

Crítica apocalíptica ao poder imperial

O presente artigo oferece uma análise de Dn 7, abordando a apocalíptica como fenômeno religioso e literário, a simbologia das visões e a promessa de um reinado humano. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que enfoca Daniel 7 como expressão da teologia da soberania divina na história.

1. A apocalíptica como fenômeno literário e de resistência

Quando estruturas de poder parecem incontestáveis, os apocalipses oferecem às comunidades perseguidas uma perspectiva alternativa, fundamentada na convicção de que Deus está no controle, mesmo quando a realidade sugere o contrário. Assim, sua função principal é alimentar a esperança e sustentar a fé em tempos de perseguição.

A apocalíptica estrutura-se com base na ideia de um conflito cósmico que culmina em uma intervenção decisiva de Deus, que derrota o mal e restaura a justiça. Essa realidade é revelada a um vidente venerável por meio de revelação divina, geralmente mediada por anjos, envolvendo visões, êxtases e viagens celestiais que mostram os eventos antecedentes ao fim dos tempos (Collins, 2010, p. 22-25). Seus símbolos (animais, cores, números e figuras) não são meros artifícios ornamentais, mas elementos estruturais que permitem a reflexão aprofundada sobre situações extremas vivenciadas pela comunidade de fé. Por isso, sua interpretação exige atenção ao contexto histórico e à função dos símbolos na construção do significado teológico (Collins, 2010, p. 46).

Na Bíblia hebraica, a apocalíptica surge como resposta à tensão entre as promessas proféticas de restauração e a realidade das comunidades judaicas no período do Segundo Templo, quando o retorno do exílio babilônico não resultou no reino messiânico nem na

plena restauração nacional esperada (Settembrini, 2022, p. 1.203). Essa disjunção entre expectativa profética e realidade histórica criou um vácuo hermenêutico que a literatura apocalíptica tentou preencher.

A apocalíptica judaica desenvolveu-se como resposta teológica à dominação estrangeira e às perseguições após o retorno do exílio, sendo também influenciada pelo dualismo cósmico do zoroastrismo persa, que estabelecia a oposição entre forças de luz e forças de trevas (Boyce, 1984, p. 72). Diante do sofrimento dos justos e do aparente triunfo dos ímpios, a apocalíptica desenvolveu uma cosmologia mais complexa com base em um dualismo cósmico, segundo o qual forças malignas poderosas atuam no mundo independentemente da vontade humana, mas, em última análise, submetidas ao controle divino (Marconcini, 2022a, p. 118-119).

2. O livro de Daniel como obra apocalíptica paradigmática

O livro de Daniel é a expressão mais completa da apocalíptica no cânone hebraico e funciona como modelo desse gênero na tradição judaico-cristã. Sua estrutura divide-se em duas partes; a primeira (Dn 1-6) contém narrativas sobre Daniel e seus companheiros na corte babilônica, escritas majoritariamente em aramaico. Essas histórias mostram que Deus protege os justos mesmo em terra estrangeira e humilha governantes arrogantes que o rejeitam (Grelot, 1993, p. 19-21).

A segunda parte (Dn 7-12) apresenta visões pessoais de Daniel interpretadas por seres celestiais, marcando uma mudança literária e teológica em relação às narrativas iniciais. Esses capítulos, escritos em aramaico (7-11) e hebraico (12), refletem o contexto do período helenista e tratam da história das nações, culminando na ideia da ressurreição dos mortos. A LXX inclui dois capítulos: Susana (Dn 13) e Bel e o Dragão (Dn 14) (Grelot, 1993, p. 21-24).

Embora o livro de Daniel se apresente como ambientado no exílio babilônico do século VI a.C., a maioria dos estudiosos entende que sua forma final foi composta durante a perseguição de Antíoco IV Epífanes (167-164 a.C.). A descrição detalhada desses acontecimentos, sobretudo em Daniel 11, sustenta essa datação e indica que o livro buscava encorajar os judeus perseguidos, afirmando a soberania de Deus e a certeza de sua vitória final (Marconcini, 2022b, p. 333-334).

O tema geral que perpassa o livro de Daniel é a soberania de Deus sobre a história (Grelot, 1993, p. 45). Nas narrativas iniciais, essa soberania aparece em eventos como a preservação dos jovens na fornalha, a restauração de Nabucodonosor e o livramento de Daniel na cova dos leões; nas visões posteriores, ela se amplia para a história universal, revelando que todos os reinos fazem parte do plano divino.

3. Daniel 7 como denúncia teológica da bestialização do poder político

O texto de Dn 7 faz uma transição entre as narrativas da primeira seção e as visões mais complexas dos capítulos seguintes, funcionando como um díptico (uma dobradiça) entre as duas metades do livro.

O capítulo avança na visão dos quatro monstros e do tribunal celestial (7,2-14), com sua interpretação (7,15-18), dando destaque especial à quarta besta e ao pequeno chifre (7,19-27). Esse enfoque denuncia a forma extrema de poder opressor desse último reino e afirma que o domínio final pertence a Deus e

será entregue ao povo dos santos do Altíssimo. A repetição dos temas, as menções aos monstros, ao julgamento divino e à entrega do reino reforçam o contraste entre o poder bestial dos impérios e o reinado humano. Enquanto os reinos da terra surgem como monstros do mar, o verdadeiro poder aparece na figura humana vinda das nuvens, simbolizando a restauração da humanidade como fundamento do reinado desejado por Deus.

As visões recebem, como introdução, a imagem do mar agitado pelos quatro ventos do céu (Dn 7,2). No imaginário do Antigo Oriente Próximo, o mar representava o caos e as forças ameaçadoras à vida. Isso indica que os elementos que se seguirão na visão procedem de um ambiente marcado por forças destruidoras (Collins, 2010, p. 153-154).

Do mar surgem quatro monstros distintos, cujas formas híbridas ou exageradas intensificam a estranheza e a violência da visão. As figuras bestiais simbolizam o poder político desumanizado, um recurso crítico ao fato de que, na propaganda imperial do Antigo Oriente, os reis eram simbolizados por animais majestosos, como leões ou águias (Grelot, 1993, p. 21).

A progressão das imagens expressa uma intensificação da violência: cada uma surge exercendo domínio e destruição. Essa linguagem ressalta o caráter predatório desses poderes, simbolizando sistemas políticos baseados na força e na subjugação dos povos. A metáfora animal torna visível a lógica predatória que estrutura tais formas de poder (Grelot, 1993, p. 36).

Em Dn 7,4, o primeiro monstro aparece como um leão com asas de águia, símbolos tradicionais de poder e majestade no Antigo Oriente Próximo. A visão, porém, apresenta uma mudança: suas asas são arrancadas, ele é erguido para ficar de pé como um humano e recebe um coração humano. Essa mudança constitui um elemento interpretativo decisivo na narrativa simbólica. A retirada das asas, que

*Planeje seus dias.
Alimente sua fé.
Viva cada momento
com sentido.*

As agendas e calendários
PAULUS acompanham você a
cada dia do ano, trazendo inspiração,
a Palavra de Deus e espiritualidade
para sua rotina.



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f i x @editorapaulus



**Aponte
o celular
e adquira
agora!**

A beleza da criação que inspira o seu dia.

Ilustrados com belíssimas imagens, os calendários de mesa e de parede contêm frases inspiradoras, além dos feriados nacionais e das fases da lua.



Transforme seu cotidiano num caminho de santidade.

365 dias na companhia dos santos, aprendendo com aqueles que fizeram da própria vida um caminho de amor e de entrega.



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f i x @editorapaulus



Aponte o celular e adquira agora!

eram sinal de mobilidade, é acompanhada por um processo de humanização que contrasta com a lógica bestial associada ao domínio violento. Assim, a cena sugere que a condição verdadeiramente humana se opõe à dinâmica predatória do poder imperial.

O segundo monstro, semelhante a um urso, aparece erguido de um lado, com três costelas entre os dentes, e recebe a ordem de devorar mais carne (Dn 7,5). A imagem destaca sua brutalidade e voracidade, simbolizando um poder político marcado pela guerra contínua e pela destruição e subjugação de outros povos. A imagem sugere um sistema predatório, cuja expansão e manutenção dependem da apropriação violenta de recursos, territórios e pessoas (Baldwin, 2017, p. 148).

O terceiro monstro, semelhante a um leopardo com quatro asas e quatro cabeças (Dn 7,6), simboliza um poder de expansão rápida e capacidade de governar múltiplos territórios. Contudo, o texto ressalta que seu poder é limitado e subordinado à soberania divina (Baldwin, 2017, p. 148), antecipando, assim, uma crítica mais ampla à pretensão de permanência e legitimidade dos sistemas políticos baseados na dominação.

A quarta figura bestial (Dn 7,7-8) é apresentada como a mais terrível da visão, sem comparação com qualquer animal conhecido, para enfatizar seu caráter monstruoso. Dotada de dentes de ferro, ela devora, esmaga e destrói totalmente, simbolizando um poder político de dominação extrema. Seus dez chifres reforçam essa imagem ao representar força ampliada e uma estrutura de poder particularmente intensa e complexa (Baldwin, 2017, p. 148).

A imagem do quarto monstro simboliza uma violência totalizante, em que o poder imperial ultrapassa a conquista territorial e se torna um sistema que destrói e absorve tudo ao seu redor. Ela representa um poder marcado pela opressão extrema e pela eliminação da autonomia dos povos submetidos (Collins, 2010, p. 154).

HISTÓRIA DE ISRAEL

John Bright



Versão
E-Book

A obra aprofunda-se no processo de formação do Estado de Israel – história, política e religião, desde o período formativo do judaísmo – e discorre sobre os principais dados culturais da região. Outro ponto alto é o denso material bíblico fornecido pelo livro, além da própria visão teológica explicitada pelo autor.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



“ *A apocalíptica estrutura-se com base na ideia de um conflito cósmico que culmina em uma intervenção decisiva de Deus, que derrota o mal e restaura a justiça.* ”

3.1. O pequeno chifre e a radicalização do poder opressor

Em continuidade às visões, surge um pequeno chifre entre os dez, por causa do qual três são arrancados, indicando uma disputa dentro da própria estrutura de poder. Diferentemente dos demais, esse chifre possui olhos humanos e uma boca arrogante, símbolos de vigilância estratégica e de um discurso que tem pretensão de poder absoluto. O pequeno chifre simboliza não apenas o poder político ou militar, mas também sistemas de poder que se sustentam tanto pela violência quanto pela autolegitimação retórica de sua superioridade.

Após a visão das feras e do pequeno chifre, Daniel busca compreender o significado do quarto monstro (Dn 7,19), dos dez chifres e do chifre que surge depois (Dn 7,20), símbolos de uma estrutura complexa de poder político, o qual se exacerba pela ascensão de uma autoridade particularmente agressiva dentro do mesmo sistema.

A visão se intensifica quando o pequeno chifre passa a guerrear contra os santos, indicando um conflito não apenas político, mas também religioso e ético (Dn 7,21). A expressão “santos”, no contexto do capítulo, refere-se à comunidade que permanece fiel às suas tradições, mantendo valores e práticas incompatíveis com a ideologia imperial. O texto de Dn 7 está mostrando uma violência que se

intensifica no curso da história, culminando em um desfecho terrível. Nessa perspectiva, a história é compreendida como uma trajetória que tende ao agravamento do mal até o momento final (Baldwin, 2017, p. 149).

Alguns intérpretes identificam o pequeno chifre com Antíoco IV Epífanes (175-164 a.C.), cuja ascensão ao poder envolveu a remoção de rivais dinásticos e alianças políticas estratégicas. A descrição do chifre refletiria seu caráter, especialmente expresso no título “Epífanes” (“deus manifesto”) (Marconcini, 2022b, p. 335).

O pequeno chifre é descrito como alguém que blasfema contra Deus, persegue os santos e tenta alterar os tempos e a Lei (Dn 7,25). Essa descrição é frequentemente associada às medidas de Antíoco IV, que proibiu práticas centrais do judaísmo (1Mc 1,44-61; 2Mc 6,18-31) e profanou o templo de Jerusalém ao introduzir o culto a Zeus (2Mc 6,2), evento visto como a “abominação da desolação” (Dn 11,31; 1Mc 1,54) e contexto do surgimento de Dn 7.

Este artigo opta por não identificar os reinos de Daniel com impérios históricos específicos, mas vê-los como representações de sistemas políticos opressores que continuam ao longo da história (Dn 7,12), segundo a compreensão de que, mesmo que Dn 7 esteja ambientado no tempo dos Selêucidas, as visões transcendem os limites históricos e representam

qualquer sistema político opressor (Baldwin, 2017, p. 149).

3.2. O tribunal celestial e o reinado humano

Em Dn 7 ocorre uma mudança decisiva da visão das feras para a cena da corte celestial, revelando que, apesar do aparente triunfo do mal na terra, a soberania final pertence a Deus. Assim, em 7,9, o terror das bestas é superado pela manifestação da majestade divina (Collins, 2010, p. 154). Daniel vê um trono e um “Ancião avançado em idade”, cuja aparência (vestes brancas e cabelos como lã) simboliza pureza, sabedoria e autoridade. O trono desse Ancião é descrito com as imagens de fogo e de um rio ardente (Dn 7,9), cercado por uma multidão que o serve.

A cena se configura como uma corte celestial que inicia o julgamento dos poderes dos reinos bestiais (Dn 7,10). Vários tronos são ocupados por conselheiros celestiais que participam do governo divino. A abertura dos livros indica um julgamento baseado em registros e evidências, e sua consequência imediata é a condenação e destruição total do quarto monstro (Dn 7,11).

Causa surpresa que os três primeiros reinos mencionados na visão ainda continuem existindo (Dn 7,12). Isso sugere que os poderes que esses reinos simbolizam mantêm certa continuidade histórica, embora seu domínio seja limitado por um tempo dentro do plano divino (Baldwin, 2017, p. 150-151).

Após a destruição do quarto monstro, surge uma nova figura, “semelhante a um ser humano”, que vem “entre as nuvens”, é conduzida à presença do Ancião (Dn 7,13) e recebe autoridade, honra e reconhecimento de todos os povos (Dn 7,14). Seu domínio é descrito como permanente e legítimo, em contraste com o caráter passageiro dos reinos anteriores. A expressão aramaica *kevar enash* (“como um filho de homem”) é intencionalmente ambígua. Ele é apenas *como* um ser humano, do mesmo modo que os animais são *como* um leão ou um urso. Enquanto as feras simbolizam reis

desfigurados pela opressão e pelo caos, a figura que vem “entre as nuvens” representa o ideal do ser humano conforme a imagem de Deus (Gn 1,26-27) (Baldwin, 2017, p. 151).

Em Daniel 7, as expressões “santos do Altíssimo” (v. 18) e “povo dos santos do Altíssimo” (v. 27) são sinônimas e centrais para a interpretação da visão. Como o reino é concedido tanto a eles (v. 22) quanto ao que é “semelhante a um filho de homem”, esta figura pode ser entendida como uma representação simbólica e coletiva da comunidade fiel.

O termo “santos”, em Dn 7, é frequentemente entendido como referência aos judeus que permaneceram fiéis durante a perseguição de Antíoco IV. Isso significa que sua posição na nova ordem política não está relacionada a uma resistência militar, mas sim à confiança na soberania de Deus, que conduz a história e realizará a libertação de seu povo (Asurmendi, 2000, p. 503; 516).

Teologicamente, a promessa de que os santos receberão o reino traz implicações universais para todas as comunidades de fé subsequentes. O domínio não é obtido por conquista militar, mas concedido por Deus àqueles que permanecem fiéis. Essa inversão radical das expectativas políticas convencionais, na qual o poder é concedido não aos conquistadores militares, mas aos oprimidos e perseguidos, oferece esperança transformadora aos leitores de todos os tempos.

Um aspecto frequentemente pouco explorado na estrutura da visão de Dn 7 é o contraste cosmológico entre a origem das bestas e a origem da figura “semelhante a um filho de homem”. Enquanto os monstros emergem do mar (caos), a figura humana vem “entre as nuvens”.

Daniel 7 oferece uma reflexão teológica sobre o poder político e o destino da história. Sua leitura deve considerar tanto o contexto original do texto quanto os padrões recorrentes de dominação e resistência que a literatura apocalíptica procura desvelar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perícopes de Dn 7 apresenta uma reflexão sobre a relação entre poder político, violência e esperança. Ao retratar os reinos humanos como monstros que emergem do caos, o texto critica simbolicamente sistemas políticos baseados na dominação e na violência, destacando seu caráter desumanizador. Nesse sentido, a figura do pequeno chifre representa a intensificação dessa lógica do poder, marcada por arrogância, perseguição aos fiéis e tentativa de controlar a vida religiosa e social. Embora reflita historicamente as políticas de Antíoco IV Epífanes, o simbolismo indica um padrão recorrente de dominação na história humana.

O reinado humano, em oposição aos reinos bestiais, não constitui a legitimação de uma nova forma de poder imperial, mas a afirmação de uma profunda inversão teológica. Em contraste com os reinos bestiais, que emergem do mar, o domínio final é concedido à comunidade fiel. A visão aponta para uma dimensão coletiva: o verdadeiro poder pertence à comunidade que persevera na justiça e na fidelidade.

A teologia de Dn 7 reconhece a violência histórica, mas afirma que os reinos bestiais são transitórios e subordinados ao julgamento divino. A perseguição dos justos faz parte de um processo histórico que permanece sob a soberania de Deus, que garante a preservação da comunidade de fé até a manifestação final da justiça. A força simbólica dessa mensagem permitiu que Dn 7 fosse relido por judeus e pelos primeiros cristãos como um recurso teológico para compreender sistemas de poder que buscam o controle absoluto sobre a vida social, política e religiosa.

Nos Evangelhos, essa releitura assume uma forma particular quando a figura “semelhante a um filho de homem” é retomada por Jesus para falar de si mesmo. Ao utilizar o título “Filho do Homem”, Jesus não reivindica um poder imperial, mas manifesta a verdadeira vocação humana anunciada na visão de Daniel. Nos próprios Evangelhos, porém, essa figura assume um caminho inesperado: o Filho do

Homem não apenas recebe autoridade, mas também percorre o caminho do sofrimento e da entrega da própria vida. Assim, a esperança apocalíptica de Daniel é reinterpretada à luz da cruz, na qual o poder humano aparece não como dominação, mas como serviço radical e solidariedade com os que sofrem.

Embora ancorado em seu contexto original, Dn 7 permite identificar padrões recorrentes: regimes centralizados, opressivos e ideologicamente manipuladores que refletem a lógica desumanizadora dos reinos bestiais. O valor do texto está em fornecer uma chave simbólica para refletir sobre poder, violência e justiça ao longo da história, e não em corresponder diretamente a figuras históricas específicas. Nesse horizonte, a releitura evangélica apresenta Jesus como a realização antecipada dessa esperança: nele, o poder não se expressa pela força que submete, mas pela vida que se doa e recria relações. Assim, o “humano” de Daniel deixa de ser apenas uma promessa escatológica e torna-se uma realidade histórica, vivida na prática de Jesus.

Por fim, a esperança que transparece em Dn 7 é que o destino da humanidade não está nas mãos dos reinos bestiais, pois o domínio é concedido à humanidade. A releitura cristã dessa promessa aponta para a possibilidade de uma ordem fundada na justiça, na misericórdia e na comunhão, oferecendo esperança às comunidades perseguidas em todos os tempos. Nesse horizonte, a mensagem de Daniel continua atual: sempre que o poder se organiza como violência e dominação, ele se torna bestial. O reinado humano começa quando a vida é colocada acima do poder. É nesse caminho que os Evangelhos apresentam Jesus como aquele que inaugura, na história, o reinado da verdadeira humanidade. **vp**

“O livro de Daniel é a expressão mais completa da apocalíptica no cânone hebraico e funciona como modelo desse gênero na tradição judaico-cristã.”

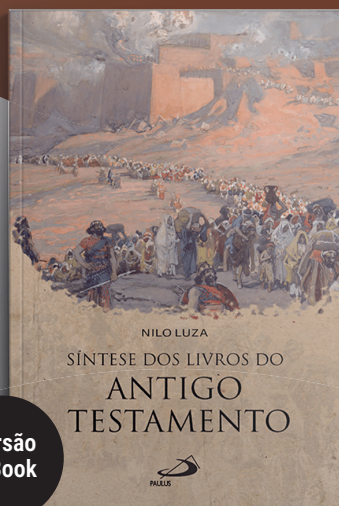


REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASURMENDI, J. M. Daniel y la Apocalíptica. In: GONZÁLEZ LAMADRID, A. et al. *Historia, narrativa, apocalíptica*. Estella: Editorial Verbo Divino, 2000. p. 479-542. (Introducción al estudio de la Biblia).
- BALDWIN, J. G. *Daniel*: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2017. (Série Cultura bíblica).
- BÍBLIA. *Bíblia Pastoral*. São Paulo: Paulus, 2014.
- BOYCE, M. On the antiquity of Zoroastrian apocalyptic. *Bulletin of the School of Oriental and African Studies*, Cambridge: University of London, v. 47, n. 1, p. 57-75, Feb. 1984. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/bulletin-of-soas/article/on-the-antiquity-of-zoroastrian-apocalyptic/>. Acesso em: 5 mar. 2026.
- COLLINS, J. J. *A imaginação apocalíptica*: uma introdução à literatura apocalíptica judaica. São Paulo: Paulus, 2010.
- GRELOT, P. *El libro de Daniel*. Estella: Editorial Verbo Divino, 1993. (Cuadernos bíblicos, 79).
- MARCONCINI, B. Apocalíptica. In: PENNA, R.; PEREGO, G.; RAVASI, G. (org.). *Diccionario de temas teológicos da Bíblia*. São Paulo: Loyola: Paulus: Paulinas, 2022a. p. 116-121.
- MARCONCINI, B. Daniel. In: PENNA, R.; PEREGO, G.; RAVASI, G. (org.). *Diccionario de temas teológicos da Bíblia*. São Paulo: Loyola: Paulus: Paulinas, 2022b. p. 333-338.
- SETTEMBRINI, M. Profecia. In: PENNA, R.; PEREGO, G.; RAVASI, G. (org.). *Diccionario de temas teológicos da Bíblia*. São Paulo: Loyola: Paulus: Paulinas, 2022. p. 1195-1204.

SÍNTESE DOS LIVROS DO ANTIGO TESTAMENTO

Pe. Nilo Luza, ssp



Versão
E-Book

A obra busca facilitar a compreensão do Antigo Testamento através de pequenas introduções, que nos dão um panorama do que cada um dos livros aborda. Deus nos fala pela Sagrada Escritura, e por meio dela podemos descobrir seus desejos e planos para a humanidade.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



Profa. Dra. Maria Antônia Marques

*Maria Antônia Marques é mestra e doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Bernardo. Assessora do Centro Bíblico Verbo e professora no Instituto São Paulo de Estudos Superiores (Itesp), ministra cursos de Bíblia em várias partes do país. E-mail: ma.antoniabv@yahoo.com.br

O GRITO SILENCIADO EM SUSANA

Uma leitura de Daniel 13

A história de Susana é a de uma mulher que, assediada por dois juízes do povo e injustamente condenada, clama a Deus e, por sua fidelidade à Lei de Moisés, é salva pelas mãos do jovem Daniel. Trata-se de texto produzido ao redor do ano 100 a.C., como um protesto contra a política helenista de Alexandre Janeu, e, mais tarde, relido entre os anos 30-50 d.C., com o objetivo de reforçar a necessidade de manter-se fiel à Lei de Moisés e às tradições judaicas.

1. Contando a história

A narrativa descreve a história de Susana, esposa de Joaquim e filha de Helcias. De um lado, Susana é apresentada como educada na Lei de Moisés. O autor reforça, em três passagens, que a mulher era muito bela de aspecto. De outro lado, apresenta dois anciãos, juízes do povo, descritos como injustos. Os dois, sem saberem um do outro, começam a desejar ter relações sexuais com Susana. Quando um descobre o segredo do outro, eles se unem e tramam um plano para assediar a mulher. Em uma ocasião oportuna, eles abordam Susana, que, por fidelidade à Lei de Moisés, recusa o assédio deles e grita por socorro. Eles também gritam e acusam-na de estar cometendo adultério com um homem jovem, que teria fugido. O julgamento é instaurado e a mulher é injustamente condenada. No auge do seu desespero, Susana reza e pede a Deus que intervenha. Nesse momento, surge Daniel, um jovem, que instaura um novo julgamento, desmascarando a iniquidade dos anciãos. Segundo a Lei de Moisés, eles são condenados e a honra de Susana e a de sua família são restauradas.

A história de Susana devia ser uma antiga história semítica independente que, posteriormente, foi relida e reescrita conforme a fé e a religião judaica. O texto chegou até nós em duas versões diferentes: a Septuaginta, datada por volta do ano 100 a.C. (Spolsky, 1996, p. 1), e a versão de Teodocião, provavelmente uma tradução prototeodociônica, situada entre os anos 30 e 50 d.C. (Freedman, 1992, p. 448).

A narrativa do ano 100 a.C. é um protesto contra o governo de Alexandre Janeu (103 a 76 a.C.), filho de João Hircano (134-104 a.C.). Com João Hircano termina o período dos Macabeus (167-134 a.C.) e começa uma nova dinastia, que recebe o nome de “asmoneia”. João Hircano adotou o espírito da helenização (busca desenfreada de poder, riqueza e prazer) e fez aliança com o grupo dos saduceus, judeus helenizados. Janeu sucedeu ao seu irmão, Aristóbulo I (104-103 a.C.), assumindo uma política de conquistas. Ele teve muitos conflitos com o grupo dos fariseus, que fizeram dura oposição ao seu domínio opressor e à sua política religiosa.

A releitura feita pela tradução prototeodociônica, a versão que temos nas traduções modernas da Bíblia, é um alerta para que a comunidade permaneça fiel à Lei de Moisés

e às suas tradições e não se deixe corromper pela sedução de outros grupos religiosos, entre os quais o movimento de Jesus.

O texto de Susana provavelmente foi escrito pelos fariseus, por volta do ano 100 a.C., para criticar a corrupção e o abuso de poder dos governantes asmoneus – descendentes dos macabeus – e dos saduceus, um grupo de judeus helenizados. Depois de derrotar o Império Selêucida (grego) com a ajuda dos romanos, os Macabeus lutaram para estabelecer o governo, ocupando, de maneira ilegítima, o cargo de sumo sacerdote (1Mc 10,18-21; 13,49-14,49).

Inicialmente, os Macabeus lutaram para defender a Lei contra a helenização imposta pelos Selêucidas, mas, com o tempo, eles próprios e seus descendentes adotaram o mesmo espírito. A dinastia dos Asmoneus manteve o poder político na região, lançando mão de uma política expansionista e militarista, com abuso de poder, injustiça e corrupção generalizada.

Os fariseus constituíam um movimento religioso contra a helenização e os costumes gregos. Eles buscavam ser fiéis à tradição e à cultura do povo judeu, com a observância rigorosa das leis mosaicas; criticavam e desafiavam a autoridade dos governantes asmoneus e dos saduceus, provocando conflitos e massacres. João Hircano, governador asmoneu (134-104 a.C.), massacrrou milhares de pessoas (não apenas fariseus); Alexandre Janeu, segundo a informação do historiador Flávio Josefo (*Antiguidades judaicas*, XIII, n. 558, p. 197), mandou crucificar cerca de oitocentos fariseus por volta dos anos 90 a.C. (McLaren, 1991, p. 56). Nesse contexto, a novela de Susana foi escrita pelos fariseus para denunciar o abuso de poder e a corrupção dos governantes, representados pelos dois anciãos imorais e corruptos.

2. Susana: uma imagem para o povo de Israel

Em Daniel 13,1-4, o autor introduz a história, apresentando as personagens principais. Em primeiro lugar, conforme o costume da

época, apresenta o marido de Susana, Joaquim, nome cuja tradução pode ser “Deus estabelece”. Ele é descrito como muito rico e muito respeitado. Susana, em hebraico, significa “lírio”, uma das imagens utilizadas para o povo de Israel (cf. Ct 2,2.16; 4,5; 6,3; 7,3). Descrita como “muito bonita, temente a Deus e educada na Lei de Moisés”, ela é filha de Helcias, nome cujo sentido pode ser “porção do Senhor” ou “a minha sorte é Deus”.

De um lado, temos o grupo de Susana, composto de pessoas descritas como abençoadas, justas e fiéis; de outro, temos a descrição dos dois anciãos, juízes e conselheiros do povo. Eles apenas “parecem” governar o povo. Atuam na casa de Joaquim, que pode ser uma imagem para a sinagoga, lugar onde as pessoas eram julgadas.

Em Dn 13,7-41, acompanhamos os fatos: primeiro, Susana e os anciãos no jardim. Ela é olhada e desejada diariamente por ambos. Susana e as duas escravas entram no jardim e, por um breve instante, Susana fica só com os anciãos ali. Sem demora, eles vão direto ao ponto: “Concorde conosco, vamos manter relações. Se não concordar, acusaremos você” (v. 21). Susana recusa e grita bem forte; os anciãos também gritam e contam sua versão dos fatos.

Julgada e condenada, Susana grita. Trata-se de uma confissão: ela reconhece o poder e a onipresença de Deus e lhe expõe sua situação. Para alívio dos leitores, o narrador adianta: “O Senhor escutou a voz dela” (v. 44). Surge Daniel, um adolescente, que convoca um novo julgamento. Os dois anciãos são julgados separadamente (v. 51-60) e, uma vez que entram em contradição, são condenados à morte por falso testemunho, enquanto Susana é inocentada.

3. Daniel 13: história de Susana ou sobre Susana?

Na primeira parte da história de Susana (v. 1-41), os dois anciãos, representando o

poder helenizado, dominam a cena. O que conta é o desejo deles de possuir o corpo de Susana. Até mesmo o simples desejo de tomar banho é desrespeitado (v. 15-21). A mulher é dominada, e essa situação, por si só, já constitui um ato de violência (Saffioti, 2002, p. 1).

Diante da chantagem sexual e da ameaça de estupro, Susana grita. No entanto, sua voz é emudecida pela gritaria dos anciãos. Aos olhos dos homens, a honra de Joaquim e a de Helcias estão manchadas, consequentemente a de todos os homens, e esta precisa ser restaurada. O grito de Susana e a resposta de Deus (v. 42-43) funcionam como a dobradiça que abre para a segunda parte (v. 44-62). Depois de dar seu grito, Susana sai de cena, pois o julgamento é assunto de homens. Nessa parte, Deus, por meio de Daniel, assume o protagonismo da história. A resposta ao desespero de Susana é o surgimento de um rapaz jovem, que a salva. Não estaria aí, nas entrelinhas, a mentalidade de que a mulher é sexo frágil e precisa de um salvador masculino?

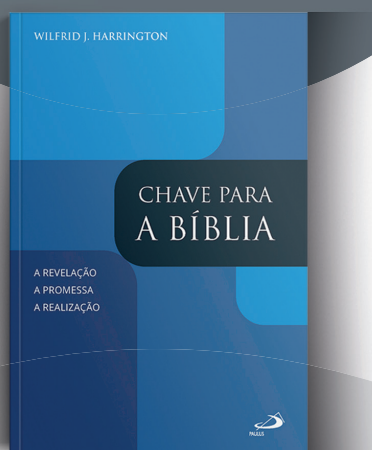
No silêncio de Susana, podemos perceber uma estratégia de protesto: “Ficar calada(o) pode ser uma forma diferente e mais sutil de atuar e de reagir, especialmente quando exprime a recusa de participar da troca coloquial ou a denúncia de que aquilo que se tem para dizer não é aceito socialmente enquanto discurso significativo” (Suárez, 1997, p. 46). Há muitas formas de coerção, seja individual ou estrutural, que têm a força de silenciar a pessoa. Quantas vezes, em nosso silêncio, a ira se tornou protesto?

“ No auge do seu desespero, Susana reza e pede a Deus que intervenha. Nesse momento, surge Daniel, um jovem, que instaura um novo julgamento, desmascarando a iniquidade dos anciãos. ”

CHAVE PARA A BÍBLIA

A REVELAÇÃO, A PROMESSA, A REALIZAÇÃO

Wilfrid J. Harrington



É uma introdução clara e atual aos escritos da Bíblia, com especial referência às questões de inspiração, verdade e sentido da Escritura. Traz também um esboço da história de Israel e dos tempos do Novo Testamento.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



4. Protagonismo dos homens na história de Susana

A imagem da mulher Susana corresponde aos padrões exigidos pelo sistema patriarcal-androcêntrico. A honra de seu pai é restaurada, afinal ele soube proteger a pureza sexual da filha até o casamento. A partir do casamento, a guarda da mulher passava do domínio do pai para o do marido. Os homens da casa de Joaquim não foram capazes de proteger a mulher. Assim, outras vozes masculinas se erguem para defendê-la: Deus e Daniel. Os homens desencadeiam a situação de injustiça e, ao mesmo tempo, têm a força de restabelecê-la.

Para solucionar o conflito, interpõe-se a figura de Daniel, que apresenta pontos em comum com Susana e com os dois anciãos. Por um lado, enquanto jovem e piedoso, ele é identificado com Susana; por outro, ele recebe o privilégio da ancianidade e, sendo também homem, ganha por isso a confiança dos outros anciãos e da assembleia. O grito de Daniel e seu discurso têm a força de mudar o rumo dos acontecimentos e desmascarar o falso testemunho dos dois anciãos.

5. Gemido, grito, silêncio, choro, olhar, falar: estratégias de resistência

Numa primeira leitura da narrativa de Susana, sobressai o protagonismo dos homens e o silêncio da mulher. O grito de Susana é para defender a Lei de Moisés, a qual legitima um modelo social que minimiza o papel feminino. Não obstante, em toda organização social, por mais opressora que seja, há pequenas brechas que possibilitam romper com a lógica social dominante.

“Os homens da casa de Joaquim não foram capazes de proteger a mulher. Assim, outras vozes masculinas se erguem para defendê-la: Deus e Daniel.”

Os anciãos acreditavam que seria fácil conseguir realizar o desejo deles. Susana, como as filhas de Israel, não ofereceria resistência alguma. Aí surge um elemento novo: a mulher resiste. Diante da ameaça de estupro e da imposição dos anciãos, Susana geme. O gemido é clamor silencioso que brota de uma situação de extremo sofrimento. A mulher faz sua opção de maneira consciente: ela prefere morrer a pecar diante do Senhor.

No julgamento, Susana é exposta e humilhada perante toda a comunidade. Sua reação é chorar. Susana e a comunidade choram. A comunidade chora em solidariedade com a situação da acusada. O choro de Susana também é um grito. Mesmo chorando, a mulher ainda busca alternativas. “Ela olhava para o céu” (v. 35). O olhar para o céu tem a dimensão de restabelecer a confiança em Deus, em si mesma e nos valores em que ela acredita. Restabelecida a confiança, Susana encontra forças para lançar um novo grito. Nesse segundo momento, ela expõe sua situação. Sua fala torna-se denúncia profética contra a corrupção das autoridades.

Em meio às dificuldades externas, a comunidade judaica enfrenta alguns conflitos internos – por exemplo, a dificuldade de viver e manter a Lei de Moisés e suas tradições diante do avanço da helenização. Alguns preferiam abandonar a comunidade e se misturar na multidão, igualar-se aos demais – o que também não era fácil, pois havia uma história de ódio e rejeição contra os judeus. Nesse contexto, a comunidade clama a Deus e ele responde, enviando Daniel, que “gritou com voz forte: ‘Eu sou inocente do sangue desta!’ Todo o povo se voltou para ele. E lhe perguntaram: ‘Que palavra é essa que tu falas?’” (v. 46-47). O grito de Daniel só aparece na versão de Teodociano.

Um novo julgamento é convocado (v. 49-50), e os outros anciãos convidam Daniel para ser o juiz. Daniel, um adolescente ou jovem, assume a função de um ancião. Podemos olhar esse fato de dois ângulos diferentes: primeiro,

para mostrar que o sistema legal como está não funciona, muitos justos e inocentes estão sendo condenados; segundo, para deixar claro que Deus age por meio de Daniel. Na realidade, Deus passa a exercer o julgamento. Ele é o justo juiz.

Após ter sido comprovada a inocência de Susana, entra em cena sua família (v. 63). Os homens de seu grupo e também sua comunidade não foram capazes de defendê-la. O pai, conforme a narrativa, estava presente no julgamento, mas sua voz não se fez ouvir. Joaquim é o marido ausente o tempo todo. O fio que costura a narrativa é a Lei de Moisés (v. 3.62). Susana prefere morrer a transgredir a Lei. Essa história narra o triunfo da Lei, renovando a esperança da comunidade e exortando-a a permanecer fiel às tradições e aos costumes judaicos, o que os fariseus pregavam e praticavam.

6. Lei de Moisés: identidade do povo judeu

Para entender a narrativa de Susana, é interessante ter presentes alguns marcos da história judaica no pós-exílio, especialmente no período da restauração, sob a liderança de Neemias e Esdras, entre 450 e 350 a.C. A partir desse período, Israel se reestrutura como comunidade organizada em torno do templo (Grabbe, 1992, p. 74) e passa por uma purificação étnica, procedendo à expulsão dos estrangeiros de seu meio, justificada pela lei comunitária do livro do Deuteronômio (cf. Dt 23,2-9).

Entre a época da restauração de Neemias e Esdras e o contexto sócio-histórico no qual surgiu a narrativa de Susana, existem, aproximadamente, três séculos e meio de distância para a versão da Septuaginta e quatro séculos e meio para a de Teodociano. Todavia, podemos comprovar que a observância da Lei de Moisés era fundamental para a vida da comunidade judaica. A observância da Lei era o valor máximo (cf. v. 3.23.62).

O abuso dos anciãos, autoridades constituídas, é um ato sistemático. Vejamos a acusação



de Daniel: “Semente de Canaã e não de Judá, a beleza enganou a ti e o desejo perverteu o teu coração. Assim fazíeis às filhas de Israel, e elas, atemorizadas, consentiram convosco, mas uma filha de Judá não suportou a vossa iniquidade” (v. 56-57). Na comunidade judaica havia certo afrouxamento no cumprimento das leis, porque alguns assumiram o modo de vida helenista. E, de acordo com a denúncia do grupo dos justos e piedosos, esse relaxamento vinha dos altos estratos sociais.

A resistência de Susana aponta para a resistência das comunidades judaicas em Judá e na diáspora, o grupo daquelas e daqueles que, mesmo ameaçados e perseguidos, continuavam fiéis às leis de seus ancestrais. Por que usar a imagem de uma mulher bela e sedutora? Possivelmente, por ser uma linguagem de fácil entendimento.

A comunidade que faz a releitura da história de Susana está tentando alicerçar alguns fundamentos essenciais para sua vida. Um deles é a importância de ser fiel à Lei de Moisés. Outro aspecto que aparece no grito de Susana é a certeza de que Deus não abandona aquelas e aqueles injustamente perseguidos e caluniados.

“Deus salva o sangue inocente” (v. 62; cf. Dt 19,10; 21,8).

A história de Susana é um escrito produzido em um contexto patriarcal. Contudo, podemos ler essa narrativa na perspectiva do corpo e dos sentimentos da mulher. Susana lança mão de pequenas estratégias para continuar vivendo: geme, chora, grita, fala, olha para o céu, confia. Em seu corpo, há muitas marcas de resistência. Esse texto continua encontrando ressonância na vida das mulheres de todos os tempos. Há muitas “Susanas” hoje, tanto do sexo feminino como do masculino, que são cotidianamente silenciadas, humilhadas e vilipendiadas. É fundamental que nos unamos contra toda e qualquer forma de violência às mulheres.

vp

“A resistência de Susana aponta para a resistência das comunidades judaicas em Judá e na diáspora, o grupo daquelas e daqueles que, mesmo ameaçados e perseguidos, continuavam fiéis às leis de seus ancestrais.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRENNER, A. (org.). *A feminist companion to Esther, Judith and Susanna*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1995.

DUBRAVEC, E. Women's silenced anger: a feminist reading of Susanna. *New Horizons*, Jesuit School of Theology of Santa Clara University, v. 5, Iss. 2, 2021. Disponível em: <https://scholarcommons.scu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1024&context=newhorizons>. Acesso em: 25 fev. 2026.

FREEDMAN, D. N. (ed.). *The Anchor Bible Dictionary*. Doubleday: New York, 1992.

GRABBE, L. L. *Judaism from Cyrus to Hadrian: the Persian and Greek periods*. Minneapolis: Fortress, 1992. v. 1.

JOSEFO, F. *História dos hebreus*. São Paulo: Editora das Américas, 1956.

MARQUES, M. A. *O grito silenciado em Susana: uma análise de Daniel 13*. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2002.

McLAREN, J. S. *Power and politics in Palestine: the Jews and the governing of their land, 100 BC-AD 70*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1991.

SAFFIOTI, H. I. B. *Contribuições para o estudo da violência de gênero*. Disponível em: <http://www.probono.org.br/contribuicoes.htm>. Acesso em: 25 fev. 2026.

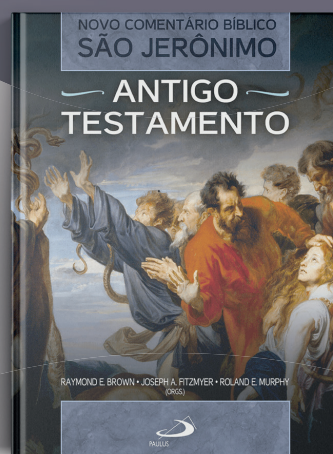
SPOLSKY, E. *The judgment of Susanna: authority and witness*. Atlanta, Georgia: Scholars Press, 1996.

SUÁREZ, M. A problematização das diferenças de gênero e a antropologia. In: AGUIAR, N. *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. p. 31-48.

NOVO COMENTÁRIO BÍBLICO SÃO JERÔNIMO

ANTIGO TESTAMENTO

Raymond E. Brown/ Joseph A. Fitzmyer/
Roland E. Murphy



O Novo Comentário Bíblico São Jerônimo – Antigo Testamento – é uma verdadeira enciclopédia bíblica, na qual, além de uma introdução e um comentário a cada um dos livros bíblicos do Antigo Testamento, se encontram artigos mais amplos concernentes à história de Israel, à teologia bíblica e à hermenêutica. Destinado a quem busca informações consistentes e abalizadas sobre o livro da Palavra de Deus.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Prof. Dr. Luiz Alexandre Solano Rossi

*Luiz Alexandre Solano Rossi é doutor em Ciências da Religião. Professor no mestrado e doutorado em Teologia da PUCPR.
E-mail: luizalexanderossi@yahoo.com.br



DANIEL

Modelo de oração e
perseverança em meio
às crises da vida





Em meio ao exílio babilônico, Daniel e seus amigos tornam-se paradigma de coragem e fidelidade, sustentados por uma disciplina espiritual concreta e pública. A vida de Daniel nos ensina que a oração diária sustenta o coração em tempos de paz e de crise. Ela forma em nós confiança, discernimento e coragem para permanecermos fiéis quando tudo ao redor vacila. A oração pessoal e comunitária torna-se refúgio, força e caminho de transformação interior. Quem ora de verdade descobre que Deus vê o oculto, restaura a esperança e mantém firme o seu povo.



INTRODUÇÃO

Este artigo nasce da convicção de que as narrativas sobre Daniel e seus companheiros ultrapassam o registro edificante e oferecem verdadeira pedagogia para tempos de crise. Na Babilônia – centro político e cultural de seu tempo –, jovens exilados perdem terra, templo, rei e liberdade, mas não perdem o vínculo com o Deus vivo. O livro sublinha, de forma discreta e persistente, a soberania divina. É Deus quem move as engrenagens ocultas da história, concede graça, abre portas e sustenta amizades improváveis. A tragédia do exílio não define a identidade desses jovens; a fidelidade a Deus, sim.

A mensagem central é inequívoca: a vitória de Deus sobre os impérios opressores é certa, ainda que o caminho passe pelo sofrimento. Essa certeza não convoca para a passividade; antes, pede uma paciência ativa, a coragem de encontrar sentido quando tudo parece caos. Deus não é glacial nem distante: insere-se na realidade humana, solidário com a dor, e afirma, soberanamente, que o mal é temporário. A fidelidade, nesse horizonte, ganha contornos práticos – não se trata de devoção abstrata, mas de hábitos concretos que moldam o coração.

Daniel encarna essa fidelidade ao preservar uma rotina de oração pública e perseverante, mesmo sob o decreto que poderia custar-lhe a vida. Ele tinha alternativas: fechar as janelas por um mês, negociar consigo mesmo, adiar discretamente a prática. Em vez disso, reafirma, três vezes ao dia, que sua lealdade última não pertence ao império, mas a Deus. O gesto é deliberado e maduro: não é bravata, mas fruto de formação interior. Sua fé é pública porque sua esperança também o é.

A tradição espiritual que sustenta Daniel não é fuga do mundo. Ao contrário, é “pedagogia da presença”: oração, adoração e devoção pessoal reorganizam o tempo e as prioridades, deslocando o centro da vida do ego para Deus. Isso implica escolhas reais – reduzir distrações, cultivar o silêncio, ler as Escrituras –, para deixar que Deus transforme gestos, cure motivações e alargue perspectivas. Quanto mais alguém se aproxima de Deus, mais se aproxima do povo: a oração integra, não isola; fortalece a vida comunitária e o compromisso com a justiça e a esperança.

Também é significativo que, sem templo e sem ritos sacrificiais, os exilados descubram a liberdade de Deus de encontrar seu povo em qualquer lugar. A oração se torna o novo

espaço sagrado, móvel e acessível, em que o coração humano se abre à misericórdia e à compaixão – não para manipular Deus, mas para buscar discernimento e coragem para cumprir sua vontade, também quando o silêncio é a resposta que purifica desejos e modela a obediência. É nesse horizonte que se articulam as duas linhas temáticas do artigo: fidelidade e soberania de Deus em meio ao império; oração como disciplina pessoal e prática comunitária, geradora de discernimento e liberdade.

1. Fidelidade e soberania de Deus em meio à violência do império

Os capítulos iniciais do livro de Daniel tratam jovens que se recusam a ser produtos do meio, ainda que vivam no coração do poder babilônico. A pergunta é incisiva: como permanecer fiel quando o império parece não ter fim e a sedução cultural opera por todos os lados? A resposta do texto bíblico combina duas convicções: Deus é o protagonista da história – é ele quem faz Daniel cair nas graças do chefe dos eunucos –, e a fidelidade humana, nutrida pela graça, produz coragem para ser diferente.

A perda do templo, do rei e da terra poderia ter levado Daniel e seus amigos à amargura ou ao conformismo. Nada disso, porém, aconteceu. Eles reconhecem a dor, mas não se deixam aprisionar por ela; preservam seus princípios religiosos e, mais do que isso, traduzem-nos em escolhas cotidianas. O sofrimento, longe de paralisar, torna-se possibilidade de esperança. Essa esperança não confunde Deus com um amuleto de prosperidade; ela crê que, mesmo quando o caos avança, a realidade do mal tem prazo de validade.

Essa leitura devolve profundidade ao conceito de “paciência” bíblica. Não é resignação nem quietismo: é perseverança ativa, firmeza que atravessa o tempo com sentido por saber em quem se depositou a confiança. A soberania de Deus não apaga a responsabilidade humana; ao contrário, fundamenta-a. Daniel

BÍBLIA: PALAVRA DE DEUS

CURSO DE INTRODUÇÃO À SAGRADA ESCRITURA

Valério Mannucci



A Palavra de Deus é para ser lida, estudada, meditada e compreendida num itinerário de compreensão vital, nunca definitivo. Um livro útil e indispensável para estudantes de teologia, para sacerdotes e religiosos que desejam reciclar sua formação teológica, e para leigos em geral que desejam um conhecimento mais profundo da Bíblia, de um saber que leve à sabedoria da fé.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



se engaja, estuda, aconselha, interpreta sonhos, serve administrativamente – e, ainda assim, não permite que a lógica do império colonize sua consciência. Há uma liberdade que só nasce do coração pacificado pela presença de Deus.

A fidelidade de Daniel também é lúcida. Ele enxerga a tentação da assimilação: comer à mesa do rei, adotar referências e valores estranhos à sua fé, ceder à pressão do prestígio. Em vez disso, estabelece limites e negocia com inteligência, sem violência nem idolatria de pureza. A coragem que o sustenta não é obstinação voluntarista, mas fruto de uma identidade enraizada em Deus. É assim que ele resiste a decretos insensatos e suporta acusações injustas: não porque domine o jogo do poder, mas porque sabe a quem pertence.

Essa postura ilumina nossa própria condição. Vivemos cercados por forças de dispersão – urgências, consumos, agendas – que prometem sentido, mas frequentemente esvaziam a alma. A fidelidade, diante disso, pede uma reorganização da vida interior: discernir o que forma e o que deforma, o que aproxima de Deus e o que captura o coração. Em linguagem bíblica, “uns confiam em carros e cavalos, nós, porém, no nome do Senhor” (Sl 20,7). Não se trata de recusar a cultura ou a história, mas de habitá-las com liberdade interior.

Tal liberdade se manifesta como pacificação, coragem e sobriedade. Pacificação, porque o fiel não depende do aplauso do império; coragem, porque pode enfrentar ameaças sem ceder ao medo; sobriedade, porque aprende a colocar cada coisa em seu lugar, sem absolutizar nada que não seja Deus. A experiência de Daniel, nesse sentido, é tanto diagnóstico quanto terapia, ou seja: revela, por um lado, como o poder

“As narrativas sobre Daniel e seus companheiros ultrapassam o registro edificante e oferecem verdadeira pedagogia para tempos de crise.”



tenta capturar o coração e, por outro, oferece uma resposta espiritual madura, enraizada na soberania de Deus e na prática constante da fidelidade cotidiana.

Por fim, é decisivo notar como o texto insinua a presença de Deus nas “entrelinhas” da história. É o Senhor quem “dá” sabedoria, quem “concede” favor, quem “sustenta” em meio às provas. Esse fio teológico impede tanto o fatalismo quanto o triunfalismo. Não é o acaso que governa e tampouco a fé elimina a dureza do caminho. O que emerge é uma esperança robusta: se os impérios passam, só Deus permanece. E porque permanece, é possível viver de modo diferente – com coragem, integridade e uma paciência que trabalha.

2. Oração: disciplina pessoal e prática comunitária de discernimento e liberdade

O centro vital da espiritualidade de Daniel é a oração. Três vezes ao dia, com janelas abertas, ele confirma publicamente que sua vida pertence a Deus. Esse detalhe é teologicamente denso: a oração é não apenas um ato interior, mas também um gesto que inscreve a fé no espaço público. Diante de um decreto que proibia a oração e ameaçava sua vida, Daniel poderia ter optado por um recolhimento discreto. Contudo, não negocia sua lealdade. Ele age com consciência e liberdade: sua fé não cabe em quatro paredes quando o próprio decreto visa reduzir a fé ao silêncio.

A disciplina espiritual de Daniel é consistente e madura. Não depende do humor do dia, das circunstâncias favoráveis ou do reconhecimento externo. Ela foi cultivada no cotidiano, ao longo de anos – em tempos de bonança e em tempos de crise. Por isso, nos momentos extremos, a oração não aparece como improvável, mas como hábito sólido. Essa constância é “escudo” não no sentido mágico, mas sim formativo: forja um coração capaz de confiar quando os recursos humanos se esgotam, capaz de esperar quando tudo parece desabar.

A vida de oração de Daniel se apresenta de vários modos, a saber: pessoal e comunitária; súplica e adoração; contrição e ação de graças. Ele ora quando jovem (Dn 1), ora com seus amigos diante do perigo (2,17-18), ora três vezes ao dia, ora com jejum, pano de saco e cinzas (Dn 9), marcando humildade, sinceridade e tristeza fecundas. Sua linguagem teológica recorre a palavras como “misericórdia” e “compaixão”, reconhecendo que não se trata de persuadir Deus a realizar desejos humanos, mas de buscar discernimento da vontade divina e coragem para cumpri-la. Às vezes, o silêncio de Deus é a própria resposta que purifica e orienta. Ao olharmos para Daniel e sua vida de oração, aprendemos que nos cumpre orar frequentemente, mesmo quando não sentimos vontade.

Percebe-se, portanto, que a oração também é uma prática comunitária. Diante das ciladas da vida, Daniel chama seus amigos para orar. Enquanto a corte entra em pânico e se paralisa, eles se unem e buscam a Deus, reconhecendo que a resposta não é produto de cálculo, mas dom. Sem templo e sem ritos, descobrem que Deus não está preso a um lugar: a oração torna-se o novo santuário, livre e acessível. Essa dimensão corrige a caricatura de uma espiritualidade isolada: quanto mais se reza de verdade, mais se ama o povo; quanto mais se busca a Deus, mais se cresce em responsabilidade solidária.

Do ponto de vista prático, a formação desses hábitos exige intencionalidade, não nasce por acidente. É preciso reorganizar o tempo, renunciar a excessos de entretenimento, aprender a gostar do silêncio, cultivar a leitura orante das Escrituras, participar de momentos de louvor e contemplação. A oração “educa” o olhar, pois ajuda a perceber Deus no ordinário, no trabalho, na alegria e na dor. Ao deslocar o centro da existência do ego para Deus, a adoração liberta da tirania do desempenho e reinsere a vida na chave da gratuidade.

A tradição cristã reconhece, nesse ponto, a sintonia entre Daniel e Jesus: nos Evangelhos,



“ A oração é não apenas um ato interior, mas também um gesto que inscreve a fé no espaço público. ”

as decisões decisivas de Cristo são precedidas pela oração. A identidade que se busca aqui não é a de um ativista incansável nem a de um contemplativo desencarnado, mas a de um discípulo que integra vida interior e vida exterior, escuta e ação. “Orar sem cessar” significa viver em estado de referência a Deus, deixando que Ele module o ritmo da vida e das escolhas que se faz. Nesse horizonte, pode-se dizer, sem medo de hipérbole: muita oração, muito testemunho; pouca oração, pouco testemunho; nenhuma oração, nenhum testemunho.

A oração, ademais, é um diálogo de aliança. Deus não é uma ideia; é Alguém que se comprometeu com seu povo e cuja honra se liga à sua misericórdia e justiça. Por isso, a chave do encontro é um coração contrito e humilde, pronto para confessar, pedir perdão e recomeçar. A oração desarma, cura, reordena. Ela não é fonte de alienação, ao contrário: devolve o sujeito a si mesmo e à comunidade com maior lucidez e compaixão. Além disso, pode ser considerada o lugar de encontro no qual o coração humano se desnuda diante do mistério, não para manipular, mas para ser transformado. Quem ora encontra repouso

numa convicção: Deus vê o oculto, sonda o coração, conhece tudo antes que aconteça (Sl 33,13-15; Pr 15,11).

Uma pessoa que ora com regularidade torna-se menos reativa e mais responsiva; menos suscetível ao pânico e mais disponível para o discernimento; menos dependente do controle e mais entregue à confiança. Assim, diante de decretos, ameaças ou crises, há uma coragem serena que não nasce de bravura temperamental, mas da proximidade com Deus. E mesmo quando nada externo muda, algo decisivo muda no interior: a esperança deixa de ser um *slogan* e se torna respiração.

Por fim, a oração verdadeira amplia a vida comunitária. Ela produz vínculos, inspira reconciliações, sustenta práticas de justiça e serviço. Em contextos de dor coletiva, torna-se clamor por misericórdia e compaixão, forças que modelam políticas do cotidiano: hospitalidade, cuidado, paciência, honestidade. Não é exagero dizer que a oração, assim compreendida, tem implicações sociais. Ela funda uma forma de estar no mundo que resiste ao cinismo, combate a indiferença e se engaja na construção do bem comum.

CONCLUSÃO

A história de Daniel mostra que fidelidade e coragem não brotam de circunstâncias favoráveis, mas de uma rotina perseverante de comunhão com Deus. Em meio a impérios e decretos, perdas e pressões culturais, a oração – pessoal e comunitária – torna-se eixo de discernimento, liberdade e esperança. A soberania divina jamais infantiliza, ela amadurece: ao reconhecer que Deus conduz a história, somos capacitados para viver com coragem, paciência ativa e lucidez. O convite que fica é prático: reservar tempos fixos de encontro com Deus; manter a fé pública com sobriedade; integrar vida interior e comunitária; pedir misericórdia e compaixão; deixar que, no ordinário dos dias, Deus forme em nós um coração fiel. Quando assim vivida, a espiritualidade não isola nem idealiza, mas sustenta. E quem sustenta não é o império, mas o Deus que vê o oculto, conhece o coração e permanece. Foi justamente a rotina de oração de Daniel, sua disciplina espiritual, que manteve a força de sua comunhão com Deus tanto nos dias agradáveis como nos dias em que o caos parecia invadir-lhe a vida. O cultivo de bons hábitos espirituais pode ser visto como verdadeiro escudo de proteção quando se vivenciam dias em que tudo parece dar errado.

vp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANDA, G. *Daniel*. Bilbao: Desclée De Brouwer, 2006.
- LOPES, H. D. *Daniel, um homem amado no céu*. São Paulo: Hagnos, 2005.
- LUCKENHILL, D. D. *The Annals of Sennacherib*. Eugene, OR: Wipf and Stock, 2005.
- ROSSI, L. A. S. Yehud no período persa. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, Curitiba, v. 12, n. 2, p. 371-390, maio/ago. 2020.
- SCHÖKEL, L. A. *Bíblia do peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002.
- STORNIOLO, I. *Como ler o livro de Daniel*. São Paulo: Paulus, 1994.

A RESSURREIÇÃO DO FILHO DE DEUS

N. T. Wright



Combinando sua vasta erudição bíblica e clássica com uma metodologia rigorosa e filosoficamente consciente, Wright enraíza o julgamento sobre a realidade da ressurreição no chão do juízo histórico, sem negar o seu significado religioso e teológico. O autor desenvolve as implicações de seus resultados, como a confirmação da identidade de Jesus Cristo como Messias e Filho de Deus e a superação da visão antiga e popular da vida eterna.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Pe. Ms. Maicon André Malacarne*



ACESSE TAMBÉM O PROGRAMA PALAVRA VIVA PELO CÓDIGO QR AO LADO.



Setembro

Os cantos das celebrações, bem como as respectivas indicações de autoria e as partituras, podem ser acessados por meio dos códigos QR ao lado. Ouça os álbuns da Paulus, de forma gratuita, nas principais plataformas de *streaming*.



Outubro

23º DOMINGO DO TEMPO COMUM
6 de setembro

A sagrada decisão pela fraternidade

I. INTRODUÇÃO GERAL

O tema da fraternidade, dos vínculos, era muito caro para Jesus. De fato, desde o princípio, Jesus enviou os discípulos “dois a dois” (Mc 6,7-8). Trata-se de iniciar pela convivência, pelo relacionamento, na experiência do amor. O conteúdo, as ideias, a busca pelas razões são consequências de um estilo de vida fraternal. A correção fraterna é um dos caminhos para alcançar a desejada fraternidade. No Evangelho deste domingo, Jesus propõe uma pedagogia da reconciliação que não pode ser deixada de lado diante dos desafios do nosso tempo, a fim de que possamos viver o amor, “cumprimento perfeito da Lei”, conforme ensinou São Paulo à comunidade de Roma.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I LEITURA (Ez 33,7-9)

O profeta Ezequiel, que fez a experiência do exílio babilônico, apresenta-se com a imagem militar da sentinela: “eu te estabeleci como vigia para a casa de Israel” (v. 7). De fato, a

sentinela era o soldado responsável por cuidar atentamente de um lugar estratégico, identificar perigos e emitir alertas para os outros. Sua missão estava ligada à proteção.

O profeta é alguém chamado por Deus para vigiar seu povo, mas essa vigilância ultrapassa o âmbito militar, porque deve ser capaz de alcançar o horizonte com os desafios do futuro, interpretar os sinais dos tempos e discernir aquilo que não está plenamente manifestado. O profeta deve ser um pedagogo, capaz de advertir, de ajudar a amadurecer e de ser sinal da salvação de Deus para todas as pessoas. Tal vocação exige fidelidade até o fim.

No coração da profecia está a relação com todos os irmãos, aqueles que Deus deseja salvar e que são os destinatários da mensagem profética. O profeta é um construtor de fraternidade e de relacionamentos saudáveis. Por meio de sua pedagogia, daquilo que orienta e adverte, a palavra profética quer sempre construir possibilidades de uma vida integralmente feliz para todas as pessoas.

2. II LEITURA (Rm 13,8-10)

São Paulo estabelece o amor como o ponto essencial para compreender todo o dinamismo da vida cristã e orientar quem se insere nesse caminho. Toda a Lei, simbolizada pelo Decálogo, traduzida em fórmulas e códigos

*Maicon André Malacarne é presbítero da diocese de Erechim-RS, pároco na paróquia São Cristóvão, em Erechim, e professor de Teologia Moral na Itepa Faculdades, em Passo Fundo-RS. Mestre e doutorando em Teologia Moral pela Pontifícia Academia Alfonsiana, de Roma. E-mail: maiconmalacarne@gmail.com

éticos, encontra a sustentação na decisão de amar, antes e depois de tudo: “o amor é o cumprimento perfeito da Lei” (v. 10).

Todo o constructo ético da humanidade é fundamental para orientar a vida e a convivência entre as pessoas. No entanto, corre-se o risco de transformar a ética em um manual, sem o sentido daquilo que ela orienta. São Paulo, aos Romanos, aponta o amor como o elã, o cimento que sustenta o edifício ético: “Não fiquéis devendo nada a ninguém, a não ser o amor mútuo” (v. 8). Tal exortação ajuda a compreender que, ao assumirmos o amor como uma forma de vida, ele precisa ser parte constitutiva de todas as relações, de uma experiência que exige empenho e esforço contínuo para discernir e amadurecer aquilo que somos, sem esquecer que, por natureza, somos relacionais. “O amor não cansa nem se cansa”, ensinava São João da Cruz.

3. EVANGELHO (Mt 18,15-20)

Estamos no quarto discurso de Jesus no Evangelho de Mateus, cujo enfoque é mais eclesial. A comunidade dos seguidores de Cristo também é desafiada a superar as divisões e a viver a fraternidade segundo a dinâmica do amor, mas com o auxílio de uma organização que possa favorecer essa experiência. Uma comunidade “desorganizada” tem maior dificuldade de testemunhar o Evangelho e aquela marca identitária pela qual eram reconhecidos os primeiros cristãos: “Vede como eles se amam”.

A pedagogia ensinada por Jesus tinha um ponto de partida: reconhecer no outro um irmão, uma irmã: “Se teu irmão pecar...” (v. 15a). O movimento inaugural do perdão e da reconciliação é a capacidade de enxergar o outro, de ouvi-lo, de acolhê-lo, de ajudá-lo com as conversões que ele precisa fazer. Quando o outro se torna um adversário que deve ser combatido, o Evangelho vai se apagando e dando lugar a impulsos que logo causam arrependimento.

COMO LER O EVANGELHO

E NÃO PERDER A FÉ

Alberto Maggi



Versão
E-Book

Neste livro, o autor apresenta estudos acessíveis nos quais a atenta tradução do texto, acompanhada por sua inserção no ambiente judaico, permite que todos descubram a atualidade da surpreendente riqueza da Boa Notícia de Jesus.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Diante do pecado do irmão, o que fazer? Primeiro, “vai corrigi-lo, mas em particular, a sós” (v. 15b). Não dando certo, efetua-se o segundo passo: “toma contigo mais uma ou duas pessoas” (v. 16). Se nem mesmo assim ele ouvir, vem o terceiro passo: “dize-o à Igreja” (v. 17a). Persistindo o irmão em não ouvir, segue-se o quarto passo: “seja tratado como se fosse um pagão ou um pecador público” (v. 17b).

O passo a passo ensinado por Jesus aos discípulos não é um itinerário para a condenação, mas de amadurecimento do amor; aquele amor que é “o vínculo da perfeição”, conforme ouvimos na segunda leitura. O amor exige aprendizado e discernimento, não é um sentimento solto no meio de outros. A abertura para a reconciliação demonstra a capacidade de amar e um estilo de vida disposto a amar. De fato, as pessoas a quem Jesus dedicou boa parte da sua missão foram os pagãos e os pecadores públicos. Ao afirmar que “seja tratado como se fosse um pagão ou um pecador público”, Jesus não está profereindo uma sentença sobre a pessoa que errou, mas está afirmando que, nessa situação, ela precisa ainda mais do amor, do tempo e da qualidade do amor.

O poder dos discípulos de “ligar e desligar” (v. 18) só tem sentido dentro desse estilo de vida de conversão, perdão e reconciliação. Para chegar a essa maturidade, é fundamental compreender bem a importância da boa convivência entre os discípulos de Jesus. Uma pessoa não pode ser reduzida ao seu pecado. Quando somos chamados a intervir para corrigir um erro, não podemos esquecer que quem errou é “o meu irmão”. Todo tipo de humilhação, de deboche, de ironia é negação dessa fraternidade.

O monge italiano Enzo Bianchi ajuda a concluir nossa reflexão:

O que o cristão maduro deve fazer? Admoestar o pecador, certamente, mas com

muita caridade. Admoeste-o no momento oportuno, admoeste-o com humildade e clareza, admoeste-o cobrindo a sua vergonha, não a revelando aos outros, portanto, sozinho. Quem faz a correção deve ter o coração de Jesus, que perdoa, não despreza e não se alimenta de preconceitos. Deve fazê-lo com o espírito do bom pastor, que, na parábola contada imediatamente antes por Jesus, vai buscar a ovelha que se perdeu (cf. Mt 18,12-14). Deve fazê-lo não porque a lei foi quebrada, mas porque aquele que pecou fez mal a si mesmo, escolheu o caminho da morte e não o da vida.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Seguir Jesus Cristo é uma questão de vínculos! Não se pode fazer sozinho! Este tempo, marcado pelo individualismo, pelo egoísmo, pelo narcisismo, vai na contramão da proposta de Jesus e entra em choque com o dinamismo comunitário. A comunidade é o lugar dos irmãos que aprendem a conviver e amar, mas também erram, fracassam e precisam ser reintegrados mediante a correção fraterna, que só o verdadeiro amor consegue alcançar. É preciso muita atenção para que a correção não se torne humilhação, julgamento, ironia. O Evangelho é direto e pontual: o outro é o “teu irmão”. Na comunidade cristã, o primado é da fraternidade!

24º DOMINGO DO TEMPO COMUM

13 de setembro

“Respirar” o perdão sem limites!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia da Palavra deste 24º Domingo do Tempo Comum põe no centro o tema do perdão. É a exigência mais alta do discípulo-missionário e também aquela que conforma mais intensamente a pessoa e a comunidade cristã ao mistério da paixão, morte e ressurreição de

Jesus. O perdão convida ao enfrentamento do rancor, da raiva, do ódio. Exige um estilo de vida fraterno e comunitário. No horizonte, está o convite de Jesus a Pedro e a todos nós para perdoar sempre e assumir verdadeira cultura do perdão.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I LEITURA (Eclo 27,33-28,9)

Esse trecho do livro do Eclesiástico, escrito com o estilo de reflexão sapiencial, apresenta as consequências causadas pelo rancor e pela raiva, que fecham as portas do perdão: “Se alguém guarda raiva contra o outro, como poderá pedir a Deus a cura?” (v. 3). A forma como nos relacionamos com as pessoas está diretamente ligada à forma como vivemos a intimidade com Deus.

Esse é um discernimento que nos compete sempre alcançar. Se, no último domingo, refletimos sobre o primado da fraternidade, tal experiência nos leva hoje para o perdão, o lugar mais alto do amor. De fato, o amor precisa ser testado pela sua capacidade de perdoar e de vencer a raiva e o rancor: “Se não tem compaixão do seu semelhante, como poderá pedir perdão dos seus pecados?” (v. 4).

A leitura vai concluindo com este convite, que nunca deixa de ser o coração das relações novas e saudáveis: “deixa de odiar” (v. 6). A indiferença com as pessoas pode produzir o imaginário de que o outro é um adversário que precisa ser derrubado, um potencial inimigo que deve ser enfrentado. O ódio é consequência quase automática. Nesse mundo dividido, os cristãos devem regressar ao desejo autêntico de conviver em paz, nas diferenças.

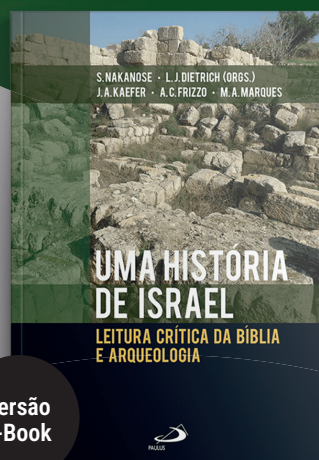
2. II LEITURA (Rm 14,7-9)

A exigência do amor e do perdão, a qual está na base da vida cristã, aparece, na conclusão da carta de São Paulo aos Romanos, como identificação com aquilo de mais importante da nossa fé: a morte e a ressurreição de Jesus

UMA HISTÓRIA DE ISRAEL

LEITURA CRÍTICA DA BÍBLIA E
ARQUEOLOGIA

S. Nakanose / L.J. Dietrich / J.A. Kaefer /
A.C. Frizzo / M.A. Marques



Versão
E-Book

Um trabalho coletivo que procura elaborar uma história de Israel com os mais recentes achados e descobertas, tanto dos estudos críticos da Bíblia como das novas interpretações vindas da arqueologia, sem, porém, deixar de ser fiel aos ensinamentos da leitura popular da Bíblia.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Cristo. De fato, nossa missão é uma vida configurada a Jesus: “Se estamos vivos, é para o Senhor que vivemos; se morremos, é para o Senhor que morremos” (v. 8).

Ao escolher viver a fé em Jesus Cristo, o cristão é convidado a mergulhar numa entrega total, num estilo de vida que se torne resposta viva e verdadeira àquele amor que Cristo viveu e pelo qual se entregou na cruz até a morte. Tudo o que fazemos deve se tornar uma resposta amorosa, e não uma obrigação exterior, como se fosse uma prescrição qualquer: “Cristo morreu e ressuscitou exatamente para isto: para ser o Senhor dos mortos e dos vivos” (v. 9). Seguir Jesus Cristo é viver uma pertença total a ele, a qual não é possível sem os irmãos.

3. EVANGELHO (Mt 18,21-35)

Gostaria de basear o comentário sobre o Evangelho deste domingo em uma reflexão de Daniel, o protagonista de uma série chamada *Tudo pede salvação*. Trata-se da história desse rapaz, que, certo domingo, acordou em uma clínica psiquiátrica, depois de ter atacado violentamente seu pai. Havia surtado por causa do uso abusivo de drogas e de álcool. Os episódios da série – em número de sete, um para cada dia – acompanham a semana de internação de Daniel. É possível assistir à descoberta da amizade, da convivência, do afeto, do cuidado de si e dos outros, das perdas e das dores, das aventuras, da consciência da condição humana e, principalmente, do significado de salvação. Com outros colegas de quarto, Daniel se abriu a um verdadeiro discernimento, que exige sempre perdoar e perdoar-se!

Em um momento importante da série, Daniel toma a palavra e faz ecoar estas palavras:

Foram irmãos oferecidos pela vida, encontrados no mesmo barco, no meio da mesma tempestade. Entre a loucura e uma outra coisa qualquer que, talvez, um dia,

saberei nomear. Cada um no seu canto do quarto, indefesos perante a própria condição, abraçados pela vida, esmagados por um mal, recebido como dádiva... Meus irmãos.

A salvação de Daniel passou pelo perdão. O perdão curou tudo. Como base em uma biografia complexa e improvável, é possível “respirar” o perdão que Jesus convidou Pedro a acolher, diante da sua pergunta: “Quantas vezes devo perdoar?” (v. 21). A resposta de Jesus indica que não é uma questão de número, de quantidade, mas do compromisso com uma cultura de perdão, com um estilo de vida que sabe perdoar sem limites. Aqui está o lugar mais alto do amor. O perdão é o sustento da mensagem de Jesus para a comunidade que estava sendo formada: o ponto de partida, o ponto de chegada e a estrada a ser percorrida! A salvação depende do perdão, e fora do perdão não existe nada.

Para iluminar esse convite, o Evangelho conta uma parábola que está dividida em três cenas: a cena inicial diz respeito a um servo e seu patrão (v. 23-27); a segunda apresenta esse servo com um outro (v. 28-31); a terceira, por fim, traz novamente o patrão e o primeiro servo (v. 32-34), sendo seguida por uma indicação explícita de Jesus (v. 35). A parábola põe em evidência o contraste entre a boa vontade de perdoar e o fechamento ao perdão, avesso a qualquer sinal de paciência. A contradição humana e a grandeza de Deus se manifestam na parábola, que continua convidando cada pessoa a contemplar Jesus como “o rosto da misericórdia do Pai”, nas palavras do papa Francisco.

Ao final da série citada anteriormente, Daniel transformou tudo em poesia:

Do alto, da ponta extrema do universo, passando pelas nossas cabeças e descendo até os calcanhares, na velocidade da luz e além dela, através de cada átomo de

matéria: tudo pede salvação! Era a palavra que eu estava procurando: salvação! Para os vivos e para os mortos: salvação! Salvação para o Mario, para o Gianluca, para o Giorgio, para o Alessandro e para a dona Maria. Para os loucos de todos os tempos, engolidos pelos manicômios da história: salvação!

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A abertura ao perdão é sempre um passo adiante em nossa capacidade de conviver com as pessoas e com as diferenças. Nenhum fechamento é saudável. A comunidade cristã, portanto, é lugar privilegiado para, com base na oração comum e no amor compartilhado, alcançar a experiência do perdão. O perdão não é esquecimento, mas um reconhecimento de que o outro também pode errar e seu erro pode ser uma escola de conversão. Perdoar é ajudar a converter, a transformar aquilo que parece estar perdido. Pelo perdão, participamos do mistério maior do amor de Deus pela humanidade, o qual se realizou na cruz salvadora e redentora.

25º DOMINGO DO TEMPO COMUM

20 de setembro

Autêntica gratuidade!

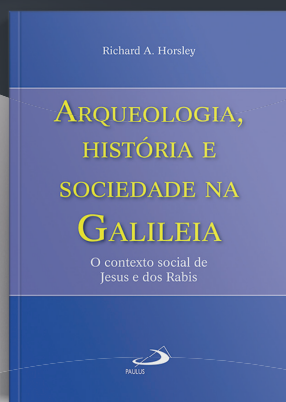
I. INTRODUÇÃO GERAL

O testemunho de autenticidade de São Paulo ajuda a compreender que seguir Jesus Cristo não é questão de privilégios e méritos, mas de configuração integral da vida: “o viver é Cristo”. O risco para o qual o profeta Isaías chama a atenção é o de manipular Deus por meio de pensamentos e conceitos que apequenam seu “tamanho”. Como “trabalhadores da última hora”, somos chamados a viver uma vida de fé que se identifica com a gratuidade divina e vence a tentação de querer que Deus realize aquilo que achamos que ele deve realizar.

ARQUEOLOGIA, HISTÓRIA E SOCIEDADE NA GALILEIA

O CONTEXTO SOCIAL DE JESUS
E DOS RABIS

Richard A. Horsley



Os estudos sobre Jesus, os estudos rabínicos e a arqueologia podem hoje estimular-se mutuamente enquanto buscam uma compreensão mais plena da Galileia como contexto histórico-social tanto de Jesus como dos Rabis. Com base em significativas descobertas, possibilita aos leitores uma revisão das generalizações e pressuposições que anteriormente eram consideradas como padrão.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I LEITURA (Is 55,6-9)

Isaías dirige as palavras da primeira leitura deste domingo aos que vivem no exílio da Babilônia. O convite é para fazerem uma mudança de estilo de vida: ao invés de quererem que Deus faça o que eles desejam, o profeta adverte sobre a necessidade de orientar a vida para Deus: “Abandone o ímpio seu caminho, e o homem injusto, suas maquinações; volte para o Senhor, que terá piedade dele, volte para nosso Deus, que é generoso no perdão” (v. 7).

É tentadora a vontade de “controlar” Deus; no entanto, a profecia ajuda a compreender que ele não é um ídolo. Deus é do tamanho de si próprio, é do tamanho do amor, é do tamanho do perdão e “foge” de qualquer tentativa de aprisionamento ou de manipulação por parte dos nossos pensamentos. Converter-se significa identificar-se, como pessoa, com Deus e com sua grandeza: “Meus pensamentos não são como os vossos pensamentos, e vossos caminhos não são como os meus caminhos, diz o Senhor” (v. 8).

O chamado à conversão dos exilados é muito significativo também para nosso tempo. A liturgia da Palavra adverte sobre o risco de uma fé meritocrática, que não deixa espaço à graça, à gratuidade, para permitir que Deus seja ele mesmo com “os pensamentos” que lhe são próprios. Isso significa, ainda, possibilitar que a imagem de Deus que carregamos seja questionada, que o conceito de Deus que aprendemos possa ser amadurecido, a fim de que a fé seja mais autêntica e sintonizada com o Deus revelado pela Sagrada Escritura.

2. II LEITURA (Fl 1,20c-24.27a)

A carta de São Paulo aos Filipenses vai nos acompanhar nestes próximos domingos. O apóstolo tinha um carinho especial pelas pessoas dessa comunidade, que lhe

demonstrou afeto e atenção. Escreveu a carta enquanto estava na prisão, em Éfeso, e recebeu da comunidade de Filipos alimento, roupas e algum dinheiro. Muito agradecido, embora em momento de sofrimento extremo, Paulo testemunhou as dificuldades da sua vida: “Cristo vai ser glorificado no meu corpo, seja pela minha vida, seja pela minha morte” (v. 20). Ele sente no corpo a fraqueza, a dor, e orienta o sofrimento para a cruz de Cristo.

O testemunho de São Paulo sempre inspira nossa vida cristã: incansável na pregação, nas viagens para comunicar o Evangelho de Jesus Cristo, nas cartas que orientam para viver na prática o seguimento de Jesus e ensinam os fundamentos da fé, na aflição das prisões e das condenações, no discernimento das situações em que não foi compreendido, ele continua tendo a força de anunciar que faz tudo o que faz porque, nas suas palavras, “para mim, o viver é Cristo e o morrer é lucro” (v. 21). Mesmo com todas as adversidades e contradições da vida, “só uma coisa importa: vivei à altura do Evangelho de Cristo” (v. 27).

3. EVANGELHO (Mt 20,1-16a)

O Evangelho deste domingo traz a parábola que Jesus contou aos discípulos sobre um patrão que saiu pelas praças para buscar trabalhadores para a vinha. Logo cedo, o patrão encontrou os primeiros e “os contratou por uma moeda de prata” (v. 2). Às 9 da manhã, continuou procurando e contratou outros (v. 3), fazendo o mesmo ao meio-dia, às 3 (v. 5) e às 5 da tarde (v. 6), tendo os últimos trabalhado apenas uma hora.

No final do dia de trabalho, pagou cada um deles conforme tinha acertado: uma moeda de prata. Os últimos receberam antes e, quando chegou a vez dos primeiros, animados, pensavam que ganhariam muito mais, mas também receberam aquilo que fora combinado: uma moeda de prata. Como não paravam de

murmurar, um deles recebeu uma advertência séria do patrão: “Estás com inveja, porque estou sendo bom?” (v. 15).

A parábola rompe com a lógica do mérito que está instalada na nossa mente e no nosso coração. O que está em jogo não é a relação econômica de custo *versus* benefício. A parábola ajuda a compreender e a viver a fé: uns acolheram antes, outros mais tarde, mas para todos a graça, a bênção, o amor do Pai são os mesmos! Somos nós, hoje, os “trabalhadores da última hora”! Isso não significa que quem acreditou primeiro tenha privilégios.

A parábola provoca a trocar a lógica do privilégio pela lógica da gratuidade. A fé é um mistério: uns a receberam e vivem com maturidade, outros a descobriram e vivem com imaturidade, e outros ainda não a vivem e não deixam de ser pessoas boas. Não cabe a ninguém exigir a maior parte e querer apontar a direção em que Deus deve ser bom!

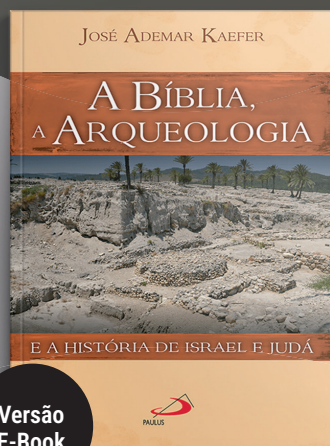
Pior ainda pode ser a tentativa de estabelecer com Deus uma relação mercadológica: “Eu ofereço isso e quero em troca aquilo!” Deus é sempre bom, sempre gratuidade. A fé é um mergulho nesse amor para amadurecer a vida no caminho do bem, superando a lógica dos mais fortes, dos privilegiados, deixando Deus ser Deus, do jeito de Deus!

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A gratuidade é um estilo de vida. Por que fazemos o que fazemos? Aquilo que realizamos na nossa vida é orientado para qual direção? Para o mérito ou para a gratuidade? Para o aplauso ou para a verdade? Crescer na gratuidade é compreender aquilo que Deus espera de nós e conformar nossos pensamentos aos dele. Isso exige um processo de conversão autêntico que todos somos convidados a assumir. É muito importante não esquecer aquilo que também Antoine de Saint-Exupéry ensinou: “O amor verdadeiro começa lá onde não se espera mais nada em troca”.

A BÍBLIA, A ARQUEOLOGIA E A HISTÓRIA DE ISRAEL E JUDÁ

José Ademar Kaefer



Versão
E-Book

Ao integrar os avanços da arqueologia à leitura bíblica, o autor propõe um diálogo necessário entre fé e pesquisa, mostrando como as descobertas arqueológicas ajudam a iluminar aspectos da vida, da cultura e das estruturas sociais. Sem substituir a Palavra, a arqueologia se torna aliada na busca por uma compreensão mais ampla e madura da ação de Deus na história.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

O discípulo “fala” menos e “faz” mais!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A obediência ou a desobediência à Palavra de Deus não se realiza com discursos imediatistas, mas na configuração da vida. De fato, somos mais do que decisões isoladas, somos mais do que um erro ou um acerto. Somos a soma das decisões que definem a direção para a qual orientamos nossa existência. Pode acontecer que, uma hora ou outra, seja necessário repensar o caminho, e isso não faz de ninguém melhor ou pior. O horizonte de todo discípulo-missionário está na vida e no mistério de amor de Jesus, capaz de viver um “sim” permanente, até a doação total na cruz. A humildade e a entrega se transformam, em Jesus, em sinal de “glória”.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I LEITURA (Ez 18,25-28)

Ezequiel é o profeta do exílio babilônico (século IV a.C.). Junto dele estão outros israelitas deportados. Imaginemos um grupo que se encontra distante de sua terra e de sua cultura conversando sobre essa situação, lembrando-se da família e do lugar onde viviam e tentando encontrar um culpado de tudo o que estava acontecendo: quem pecou para provocar a ira de Deus?

O profeta Ezequiel recorda ao povo que não se trata de descobrir “quem pecou”, mas de assumir a responsabilidade pessoal diante de todos os acontecimentos: “Quando um justo se desvia da justiça, pratica o mal e morre, é por causa do mal praticado que ele morre” (v. 26). Não é difícil também para nós cair na tentação de buscar culpados, de buscar os “maus” da história, sem tomar consciência das nossas maldades.

A profecia recorda ainda que existe a tensão entre a perversão do justo e a conversão do injusto. Por isso, a vida não pode ser resumida em uma ou outra prática, mas na direção do bem, na conversão constante em vista de uma existência orientada para o caminho do Senhor. Todos erramos em algum momento, mas Deus está sempre de braços abertos para acolher quem decide regressar ao seu plano de amor: “Arrependendo-se de todos os seus pecados, com certeza viverá; não morrerá” (v. 28).

2. II LEITURA (Fl 2,1-11)

A vida comunitária carrega sempre tensões, por mais madura que seja. É bonito aquilo que São Paulo escreveu à comunidade de Filipos: “aspirai à mesma coisa, unidos no mesmo amor; vivei em harmonia, procurando a unidade” (v. 2). A disputa pelo poder, a busca por prestígio, os cargos utilizados para a imposição de ideias são armadilhas às relações fraternas e à vivência da fé.

O caminho para “sara” essa ferida é reconhecer no outro um irmão, um “tu” muito amado por Deus: “Nada façais por competição ou vanglória, mas, com humildade, cada um julgue que o outro é mais importante” (v. 3). Para viver essa condição de humildade, Paulo evocou um hino que apresenta Jesus Cristo como aquele que “esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e tornando-se igual aos homens” (v. 7). Jesus é Deus que se abaixa, que se esvazia, que assume a natureza humana para viver o amor até o fim, na cruz.

Cabe a todo seguidor de Jesus, na experiência da comunidade cristã, não se colocar como o centro de tudo nem buscar privilégios, mas, sim, assumir o imperativo da humildade, a qual abre as portas para relações fraternas e justas e tem seu fundamento naquilo que Paulo sintetizou de maneira muito direta: “Tende entre vós o mesmo sentimento que existe em Cristo Jesus” (v. 5).

3. EVANGELHO (Mt 21,28-32)

Os dois filhos de que nos fala o Evangelho deste domingo podem ser o espelho das nossas tensões mais profundas. De um lado, um filho cumpridor das regras, obediente, que não questiona, não interroga, mantém todas as aparências intactas, mas, internamente, contraria tudo, com vergonha de dizer a verdade...; de outro, o filho rebelde, contestador da autoridade paterna, desobediente, que, porém, deixando aberto o espaço do pai, vai descobrindo o mapa do caminho que precisa fazer e, pouco a pouco, deixa-se transformar.

Jesus conta a parábola de um pai que mandou seus dois filhos trabalhar na sua vinha. O primeiro resmungou, não queria, mas depois pensou melhor e foi para a vinha. O segundo reagiu com entusiasmo – um entusiasmo imediato que, entretanto, não permaneceu. Alguns estudiosos interpretam esses dois filhos como a imagem do povo de Israel e dos pagãos. Os israelitas estabeleceram uma aliança com Deus rapidamente, mas tiveram dificuldade de vivê-la. Os pagãos, por sua vez, não acolheram a Deus de imediato, mas foram aderindo ao projeto de Jesus.

O seguimento de Jesus Cristo se realiza no passo a passo da nossa vida. Não é uma decisão rasa e imediata, nem mesmo uma obediência exterior. Seguir Jesus Cristo é sempre um movimento de discernimento da liberdade, da responsabilidade, dos erros e dos acertos, porque é essa a dinâmica da vida. O primeiro filho, que teve a dificuldade inicial de acolher o chamado, descobriu que a vinha do pai também era sua e foi trabalhar. Não basta dizer “sim, Senhor”, como o segundo filho. Deus pede mais!

A parábola é contada aos chefes dos sacerdotes e aos anciãos do povo, ou seja, àqueles que tinham se tornado a imagem do segundo filho: rígidos nas leis e calculistas no medir os outros. Em contraposição a eles estão “as prostitutas e os publicanos” (v. 32), que eram acusados de serem filhos maus, mas, para Jesus,

A CRIAÇÃO E O DILÚVIO

SEGUNDO OS TEXTOS DO
ORIENTE MÉDIO ANTIGO

Vv. Aa.



Apresentando as origens do ser humano e do universo, segundo os textos do Oriente Médio Antigo (Mesopotâmia, Egito e Ugarit), este suplemento oferece uma contribuição preciosa para a compreensão dos primeiros capítulos do Gênesis.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

precederão àquele outro grupo no Reino de Deus (v. 31).

Jesus inverte a lógica e mexe com nossos preconceitos. De fato, quando nos achamos superiores, como indicou Paulo na segunda leitura, o Evangelho nos convida a tomar consciência da nossa pequenez, a buscar o abaixamento, a reconhecer que nossas atitudes de acusação do outro ou de algumas categorias sociais podem ser a tradução de uma hipocrisia de que nosso coração está cheio. O caminho é sempre a mudança, a conversão e a consciência que o salmista ajuda a tecer: “De mim lembrai-vos, porque sois misericórdia e sois bondade sem limites, ó Senhor!”

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A liturgia da Palavra deste domingo é uma oportunidade de avaliar e meditar a intencionalidade das nossas ações: por que dizemos “sim” e por que dizemos “não”; quanto tempo persevera nosso “sim” e quanto persevera nosso “não”. Um mundo “líquido” e fluido parece que transforma tudo em imediatismo, em velocidade, o que acaba distorcendo e diminuindo a seriedade de decisões importantes. O amor exige tempo, demora, opção de vida que não se desfaz na primeira dificuldade. De fato, Rilke, o grande poeta, já ensinou que “amar é durar, luzir com uma luz que não tem fim”.

27º DOMINGO DO TEMPO COMUM

4 de outubro

A vinha de Deus e os bons frutos

I. INTRODUÇÃO GERAL

A imagem da vinha atravessa os textos sagrados deste domingo. A vinha fértil, amada e cuidada pelo proprietário contrasta com as “uvas azedas” de quem não consegue traduzir o amor recebido na prática cotidiana de

amar. Ao contar a parábola dos vinhateiros violentos, Jesus denuncia a dissimulação das autoridades judaicas que oprimiam o povo e se achavam “donas da vinha”. A vinha é de Deus, e nós somos seus colaboradores. Trata-se de configurar a vida nova apontada por São Paulo, que enumera as qualidades específicas a serem cultivadas por aqueles que formam a comunidade dos discípulos de Jesus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I LEITURA (Is 5,1-7)

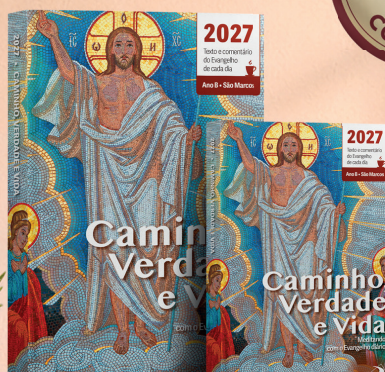
O trecho da profecia de Isaías se assemelha a um canto de amor, dividido em estrofes que apresentam tensão e harmonia. De fato, a leitura se inicia evocando a imagem do “amigo do esposo” – a forma como o profeta se apresenta – por meio da parábola da vinha fértil: “Um amigo meu possuía uma vinha em fértil encosta. Cercou-a, limpou-a de pedras, plantou videiras escolhidas, edificou uma torre no meio e construiu um lagar; esperava que ela produzisse uvas boas” (v. 1-2). É interessante ressaltar os verbos utilizados pelo proprietário da vinha: cercar, limpar, plantar, edificar, construir, esperar.

Logo a decepção apareceu. Em vez de produzir uvas boas, a vinha “produziu uvas selvagens” (v. 2). A desilusão veio em forma de questionamento: “O que eu poderia ter feito a mais por minha vinha e não fiz?” (v. 4). O lamento do proprietário se assemelha bastante ao desapontamento de alguém que amou muito e não teve seu amor correspondido. Os verbos que acompanham a decisão de abandonar a vinha também são fortes: desmanchar, devastar, derrubar, pisotear, deixar... O proprietário não conseguiu mais esperar pelas uvas boas. Esperar se tornou uma frustração.

A imagem da vinha que não produziu uvas é, certamente, simbólica. Trata-se do povo de

Comece bem o seu dia na companhia da Palavra de Deus.

A cada página, o Evangelho do dia se torna luz para a vida concreta, apoiado por uma reflexão que dialoga com o seu cotidiano e ajuda você a reconhecer Deus presente em cada momento, trazendo-lhe direção, consolo e sentido.



Uma agenda para quem deseja caminhar com Cristo.

Inicie sua jornada diária na companhia da Palavra de Deus e deixe que ela ilumine seu dia. Mais do que manter a organização, este é um convite a viver cada dia com sentido, fé e propósito.



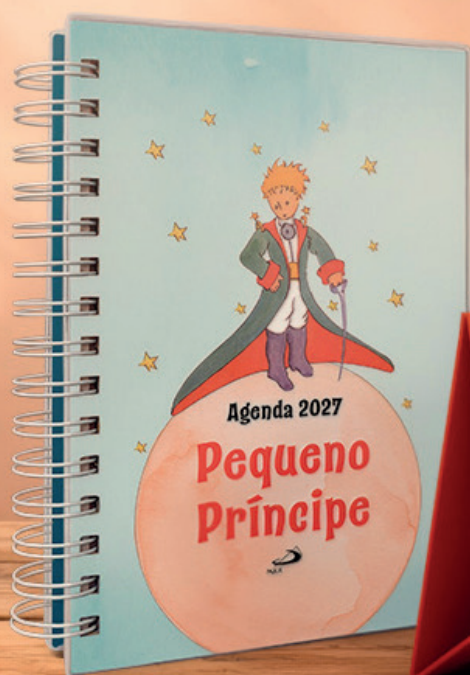
loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f i x @editorapaulus



Aponte
o celular
e adquira
agora!

Deixe-se cativar por este clássico sempre atual!

Perfeitos para usar em casa ou no trabalho, a agenda e o calendário de mesa do Pequeno Príncipe transformam sua rotina em um convite à contemplação, à delicadeza e à beleza das pequenas coisas.



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f i x @editorapaulus



Aponte
o celular
e adquira
agora!

Israel, resgatado e cuidado por Deus qual vinha sagrada. Os frutos esperados por Deus eram as boas obras, a escolha do caminho do bem e da fidelidade à aliança; no entanto, o que apareceu foi sangue, ódio, divisão, mentira, falsas acusações a Deus, vida religiosa apegada a exterioridades e ritualismos, verdadeiras “uvas azedas”: “eu esperava deles frutos de justiça – e eis injustiça; esperava obras de bondade – e eis iniquidade” (v. 7).

2. II LEITURA (Fl 4,6-9)

Como a videira está unida aos ramos, São Paulo recorda à comunidade de Filipos que o seguidor de Jesus deve permanecer unido a Ele na oração: “apresentai as vossas necessidades a Deus, em orações e súplicas, acompanhadas de ação de graças” (v. 6). A oração é o elã, aquilo de mais consistente que pode sustentar a fé e guiar no caminho da vivência da Palavra de Deus.

Ao permanecerem unidos a Cristo, sustentados pela intimidade da vida de oração, os cristãos configuram um novo estilo de vida. São Paulo enumera algumas das “qualidades” que marcam a nova identidade do seguidor de Jesus: “ocupai-vos com tudo o que é verdadeiro, respeitável, justo, puro, amável, honroso, tudo o que é virtude ou de qualquer modo mereça louvor” (v. 8). Não é fácil assumir essas atitudes, possíveis apenas se estamos bem unidos a Cristo.

De fato, o testemunho, a coragem e a autenticidade de São Paulo só podem ser compreendidos à luz do Evangelho de Jesus Cristo, que o apóstolo buscou viver e comunicar, tornando-se – para aquela comunidade e para nós – um modelo fundamental para a vivência da fé.

3. EVANGELHO (Mt 21,33-43)

Deus criou o mundo como um jardim, na harmonia, na conexão, no equilíbrio (Gn 1). De fato, o jardim, no Cântico dos Cânticos, é onde se dá o encontro do amado e da amada

DONS E CARISMAS NA BÍBLIA

Luiz Alexandre Solano Rossi /
Valmor da Silva (orgs.)



A diversidade e a riqueza de dons e carismas são inesgotáveis. O livro é o resultado do esforço conjunto de um grupo de biblistas atentos à pesquisa acadêmica, mas igualmente preocupados com a dimensão pastoral da mensagem bíblica.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

– portanto, é o lugar do amor. No Evangelho de João, Maria Madalena vai ao túmulo para ver o corpo de Jesus morto, sem saber da ressurreição, e, na entrada, confunde Jesus com um jardineiro (Jo 20,11-18). Jesus é o jardineiro da nova criação! A vinha é o projeto, é o jardim que Deus sonhou.

O Evangelho deste domingo retoma a parábola contada por Jesus sobre um proprietário que plantou, cuidou e arrumou tudo, para que sua vinha tivesse todo o necessário para produzir uvas boas, e, em seguida, confiou-a a alguns vinhateiros. Aconteceu que, no tempo da colheita, como estava distante, esse proprietário enviou seus servos para recolher os frutos, mas os vinhateiros os receberam com violência: apedrejaram alguns e assassinaram outros. O dono da vinha aguardou com paciência e, mais adiante, enviou outros servos, que foram recebidos com a mesma violência. Por fim, fez uma última tentativa: enviou seu filho para, com a autoridade de herdeiro, buscar os frutos. Também o filho foi morto.

Jesus contou a parábola aos doutores da Lei e aos chefes dos sacerdotes, ou seja, ela era direcionada a um grupo que se achava acima de todas as normas, com autoridade sobre todas as “vinhas”. A vinha é do Pai, e todos somos colaboradores. Ninguém é dono! A parábola retoma toda a história de Israel: os profetas foram enviados para resgatar a vinha perdida, e, depois, também Jesus, o Filho amado. Todos foram mortos pelas autoridades, que trabalhavam para sustentar o próprio poder.

Tudo que vivemos faz parte de um grande plano de amor, de uma grande vinha sonhada por Deus. A vinha convida ao equilíbrio do cuidado, à tarefa de fazer da vida uma “uva boa”. Os frutos bons não são atitudes isoladas, mas dependem do jardim inteiro, de uma conexão de vidas, de uma rede na qual é possível reconhecer Deus passeando no vento fresco de cada tarde (Gn 3,8).

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A imagem da vinha nos convida a aprofundar a vida cristã naquilo que significa produzir “uvas boas”. A fé exige a prática da fé, a configuração de um estilo de vida. Qual é a qualidade da “uva” que eu sou? Que tipo de frutos minha comunidade está produzindo? A vivência da fé não pode ser confundida com ativismo. Como estou permitindo que Deus me ajude a produzir frutos para seu Reino? Quais espaços estou abrindo para que Deus possa trabalhar na vinha que eu sou?

28º DOMINGO DO TEMPO COMUM

11 de outubro

Um banquete para todos!

I. INTRODUÇÃO GERAL

O banquete que perpassa a primeira leitura e o Evangelho deste domingo é uma parábola da alegria, da festa, do Reinado de Deus. O banquete é manifestação do céu, que já começa aqui, agora, no espaço e no tempo. A mesa da eternidade deve ser antecipada por relações verdadeiramente humanas, fundadas na justiça e no amor. O profeta Isaías apresenta o banquete como promessa divina, como desejo futuro. O Evangelho de Mateus mostra o banquete se realizando, as núpcias acontecendo, e também o convite destinado a todas as pessoas, especialmente àquelas que habitam as “encruzilhadas do mundo”. Mais do que permanecer focado na rejeição de muitos dos convidados, o fundamental é perceber o convite do Pai: “Vinde para a festa”. É nas contradições das experiências da vida, testemunha Paulo, que se pode viver uma confiança sem limites: “Tudo posso naquele que me dá força”.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I LEITURA (Is 25,6-10a)

O profeta Isaías anuncia um grande banquete que será preparado pelo Senhor: “de

ricas iguarias, regado com vinho puro, servido de pratos deliciosos e dos mais finos vinhos” (v. 6). Ao contrário dos banquetes dos soberanos, que escolhiam a dedo quem deles poderia participar, geralmente os organizando para reforçar o poder político e manter os privilégios, o banquete do Senhor é destinado “para todos os povos” (v. 6). Ninguém ficará de fora!

A imagem de uma grande mesa, na qual há lugar para todas as pessoas, é emblemática. Trata-se de uma representação da eternidade, antecipada na fraternidade dos povos, na comunhão entre os irmãos e irmãs, na experiência comunitária de cada dia. Aquilo que Deus vai realizar no banquete revelado pelo profeta, no fundo, é o sonho de uma vida cheia de sentido: “O Senhor Deus eliminará para sempre a morte e enxugará as lágrimas de todas as faces e acabará com a desonra do seu povo em toda a terra” (v. 8). O ministério público de Jesus, o Filho de Deus, pôs o sofrimento das pessoas no centro da sua ação. Sua sensibilidade pela vida fez que nenhuma lágrima passasse despercebida, nenhum marginalizado fosse indigno de atenção, nenhum pecador tivesse trancada a oportunidade de um novo começo.

O banquete encontra seu ápice na comunhão total com Deus. Não se trata de uma refeição isolada ou fadada a ter um fim em si mesma, mas destinada à alegria eterna de permanecermos bem próximos do Senhor: “vamos alegrar-nos e exultar por nos ter salvo” (v. 9).

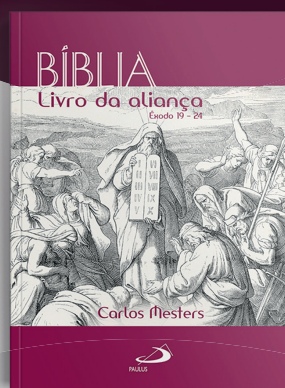
2. II LEITURA (Fl 4,12-14.19-20)

São Paulo testemunha sua confiança total no Senhor, não obstante as contrariedades que a vida apresentou: “Tudo posso naquele que me dá força” (v. 13). Tal intimidade com Deus, que Paulo experimentou desde sua conversão, fez que ele vivesse intensamente: na miséria e na abundância, na fome e na fartura, na sobra e na necessidade. O apóstolo viveu tudo por causa de Jesus Cristo e assumiu tudo como uma escola para seguir mais fielmente seu Mestre.

BÍBLIA

LIVRO DA ALIANÇA (ÊXODO 19-24)

Carlos Mesters



O Livro da Aliança ocupa os capítulos 19 a 24 do livro do Êxodo. A Aliança é, na vida do povo, a semente da Bíblia! E junto com o povo, ao longo da caminhada, nasceu e cresceu a Bíblia, que até hoje o ilumina e alimenta no seu compromisso, e dele cobra as exigências da Aliança.



**ADQUIRA
JÁ**

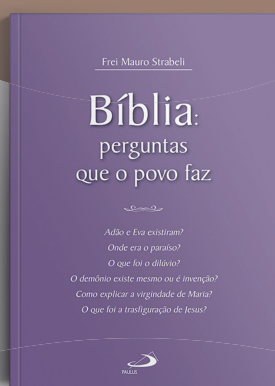
Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

BÍBLIA:

PERGUNTAS QUE O POVO FAZ

Frei Mauro Strabeli



O autor partilha integralmente das preocupações pastorais que procuram tomar a Bíblia como instrumento de organização e reflexão das comunidades engajadas no projeto de Deus. O trabalho de responder às perguntas mais comuns liberta a leitura da Bíblia dos entraves que dificultam a compreensão do que o texto tem a dizer sobre a caminhada social e histórica do povo de Deus.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

As poucas linhas dessa leitura ajudam a compreender a gratidão com que Paulo acolheu a manifestação e os presentes recebidos da comunidade de Filipos enquanto estava na prisão. O gesto comunitário é como um remédio para amenizar a dor e o isolamento vividos no cárcere. Por um lado, os seguidores de Jesus e pregadores do Evangelho são desprezados e aniquilados em razão do apostolado que realizam; por outro, são presenteados com o amor e a atenção de muitos que foram gerados por eles na vida cristã. Paulo agradeceu tamanha generosidade: “fizestes bem em compartilhar as minhas dificuldades” (v. 14).

3. EVANGELHO (Mt 22,1-14)

“A Igreja tem de ser um espelho das encruzilhadas do mundo”, dizia o Pe. José Tolentino Mendonça, na capela do Rato, em Lisboa, antes de ser eleito cardeal. Na mesma Lisboa, em julho de 2023, o refrão do papa Francisco, durante a Jornada Mundial da Juventude, ressoava: “A Igreja é de todos, todos, todos!” De fato, no Evangelho, acolhemos mais uma parábola de Jesus: um rei preparou uma grande festa de casamento para seu filho. Com a recusa de todos os convidados, o rei disse aos empregados: “ide até as encruzilhadas dos caminhos e convidai para a festa todos os que encontrardes” (v. 9). Todos foram convidados, bons e maus; a única exigência do rei era “o traje de festa”.

A imagem da festa, do banquete, da comida, da bebida, da mesa, de pessoas reunidas, atravessa toda a liturgia da Palavra deste domingo. São desenhos do cotidiano que formam a cartografia de Deus. Christoph Theobald, um dos maiores teólogos do nosso tempo, refletiu sobre o conceito do “cristianismo como estilo”, segundo o qual ser cristão é uma forma de habitar o mundo, uma maneira de viver o cotidiano, um conteúdo que se vive na prática, no jeito de ser. A festa de Deus é para todos, é a festa da terra e do céu. O “traje” exigido pelo

rei não é uma máscara, uma fantasia, senão que a capacidade de ser livre no amor, tal como a experiência nupcial.

“Vinde para a festa” (v. 4) é o convite sagrado! O rei não faz um catálogo de puros e impuros, mas chama a todos, todos, todos! Mais importante do que a resposta de cada convidado – muitos não quiseram ir – é o convite do rei. Esse convite dá a mesma dignidade a cada convidado: todos são importantes, todos são únicos, todos cabem no amor. Deve ser esta a tarefa da comunidade cristã: nunca separar, nunca dispersar, sempre abrir, sempre ser espaço da alegria de Deus.

Nestes dias tão difíceis, em que a humanidade experimenta uma sensação de impotência, encontrando-se sufocada por guerras atravessadas por discursos religiosos, é importante pedir a graça do discernimento e do compromisso de não reproduzir separações, não alimentar o ódio, não propagar disputas, mas “habitar” a veste da humanização, o estilo da reconciliação, que é o melhor caminho para a vida divina, para a vida realmente nova.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O banquete de Deus deve ser antecipado pela decisão de viver relações novas, fundadas na fraternidade e no amor. O papa Francisco recordava, na Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, que

a vida subsiste onde há vínculo, comunhão, fraternidade; e é uma vida mais forte do que a morte, quando se constrói sobre verdadeiras relações e vínculos de fidelidade. Pelo contrário, não há vida quando se tem a pretensão de pertencer apenas a si mesmo e de viver como ilhas: nestas atitudes prevalece a morte (n. 87).

Na contramão da mesa solitária, Francisco convidava a sonhar juntos: “Sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual

A BÍBLIA NA HISTÓRIA

INTRODUÇÃO GERAL À
SAGRADA ESCRITURA

Gastone Boscolo



Versão
E-Book

Neste livro, o autor Gastone Boscolo procura ajudar o leitor a entrar no fascinante mundo da Bíblia. Para isso, traça um panorama do contexto histórico, geográfico e social no qual nasceram os livros sagrados e da trajetória da Bíblia ao longo dos séculos, além de apresentar valiosas informações e metodologias para a leitura e interpretação do texto bíblico.



ADQUIRA
JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

A BÍBLIA SEM MITOS

UMA INTRODUÇÃO CRÍTICA

Eduardo Arens



Esta obra centra sua atenção sobre os seguintes aspectos: a Bíblia como documento fundacional da comunidade cristã (e, antes dela, da comunidade hebraica); a Palavra de Deus como manifestação do Espírito a partir do fundamento do texto; o problemático texto, antigo, de centenas de anos; e a mensagem nova para cada pessoa e para cada dia.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos” (n. 8).

BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA
DA CONCEIÇÃO APARECIDA

12 de outubro

Nossa Senhora, nossa esperança de vida!

I. INTRODUÇÃO GERAL

O dia 12 de outubro faz parte da identidade religiosa do povo brasileiro, que reconhece a presença materna e a intercessão viva de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil. Nossas comunidades celebram com muitos vivas e muitos aplausos este dia, em que recordamos a Mãe de Jesus, a Virgem Maria, a qual não se esqueceu dos pescadores do rio Paraíba do Sul e marcou sua aparição “aos pedaços”, para repartir o sofrimento daquele povo e garantir que nunca mais sairia do seu coração.

A liturgia da Palavra da solenidade da Bem-aventurada Virgem Maria da Conceição Aparecida vai buscar na rainha Ester e no “desejo de vida” o fundamento teológico da presença de Maria no meio da comunidade cristã. Ao apontar sempre para seu Filho, Jesus, Nossa Senhora permanece muito atenta aos sinais, às nossas “talhas vazias”, para sempre de novo recordar: “Fazei o que Ele disser”. Nossa Senhora Aparecida possibilitou redes cheias de peixes, assim como o “vinho novo” de Caná da Galileia.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I LEITURA (Est 5,1b-2; 7,2b-3)

“A vida do meu povo – eis o meu desejo” (7,3) é o pedido nascido do coração de Ester, a jovem judia que vivia no exílio da Mesopotâmia e encontrou graça diante do rei Assuero, o qual se apaixonou por ela e a escolheu como

esposa. Estava em curso uma trama de Amã – um homem muito poderoso do reinado –, que buscava a todo custo aniquilar o povo judeu. Amã odiava Mardoqueu – que havia criado Ester como filha – porque este se recusava a ajoelhar-se diante dele.

Ao descobrir as artimanhas de Amã, Ester ficou muito angustiada, por causa do risco que seu povo corria. Ela se utilizou, então, da sua beleza, como indica o início da leitura, e se aproximou do rei, que ficou encantado: “olhou para ela com agrado” (5,2). Assuero prometeu dar a Ester o que ela quisesse, até “a metade do [...] reino” (7,2), ao que a rainha respondeu, manifestando o pedido de salvação do povo judeu. O rei acolheu o pedido de Ester, o povo se salvou e Amã, cuja artimanha havia sido revelada, foi condenado à morte.

O livro de Ester é uma novela e sempre foi um texto muito querido pelo povo de Israel. Apresenta a força dos pequenos, dos humilhados, e, ao mesmo tempo, mostra como aqueles que organizam as maldades e perversões sempre vão esbarrar na força de Deus e na organização dos pobres. Ester, mulher forte, utilizou tudo o que tinha em favor da vida das pessoas. Ela é sinal de beleza, de inteligência, de articulação, que devem sempre estar na direção do compromisso com a vida.

2. II LEITURA (Ap 12,1.5.13a.15-16a)

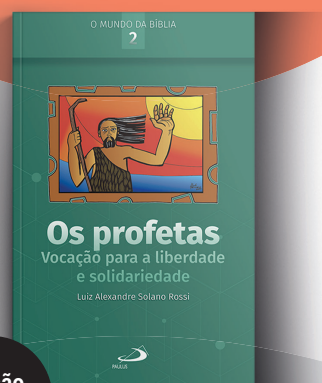
Uma mulher e um dragão protagonizam a cena do trecho dessa leitura do livro do Apocalipse. De um lado, a fragilidade, a pequenez da mulher que acabara de dar à luz; de outro, a potência, a grandiosidade do dragão, que utiliza sua força para destruir e perseguir.

O livro do Apocalipse, escrito por volta do fim do primeiro século, descreve as situações que as primeiras comunidades cristãs da Ásia Menor estavam vivendo. O cenário é desolador: muitos estavam sendo perseguidos, aniquilados, destruídos pela força do

OS PROFETAS:

VOCAÇÃO PARA A LIBERDADE E
SOLIDARIEDADE

Luiz Alexandre Solano Rossi



Versão
E-Book

Os profetas têm como seu terreno de atuação a vida cotidiana de seu povo. Exercem, em meio à vida, uma missão política. A melhor palavra que descreve um profeta é “hermeneuta”, ou seja, o profeta é um intérprete da realidade em que vive. O livro aborda a vida dos profetas bíblicos do Antigo Testamento e suas lutas contra a miséria, a violência da classe dominante, a corrupção, a fome e a desigualdade.



**ADQUIRA
JÁ**

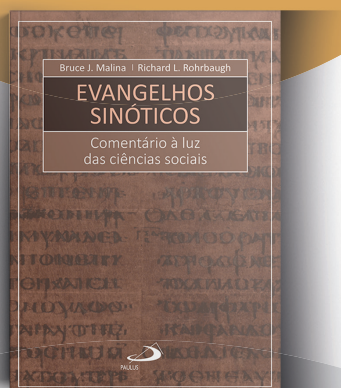
Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

EVANGELHOS SINÓTICOS

COMENTÁRIO À LUZ DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Bruce J. Malina / Richard L. Rohrbaugh



A partir do contexto cultural, social e histórico do mundo mediterrâneo do primeiro século, os autores oferecem chaves de interpretação que ajudam a compreender melhor as palavras, atitudes e ensinamentos de Jesus e de seus contemporâneos. Cada trecho é acompanhado por observações e cenários de leitura que aproximam o leitor da mentalidade e da realidade das primeiras comunidades cristãs.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Império Romano. O dragão e a serpente são o símbolo desse mal, da força que trabalha na contramão de Deus. A força do mal, no entanto, não consegue ter a palavra definitiva, porque é o menino – o Cristo – “que deve reger todas as nações pagãs com cetro de ferro” (v. 5).

A mulher é sinal da comunidade cristã. É verdade que a imagem descrita – “uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos pés e, sobre a cabeça, uma coroa de doze estrelas” (v. 1) – pode logo ser relacionada a Maria; no entanto, o texto do Apocalipse indica, sobretudo, a força das pequenas comunidades, que devem vencer a tentação do medo e confiar que Deus está ao seu lado: “a terra, porém, veio em socorro da mulher” (v. 16).

3. EVANGELHO (Jo 2,1-11)

O Evangelho de João diz que Jesus realizou sinais. Prefere empregar essa linguagem a falar de “milagres”. Os sinais apontam para uma dimensão maior do que aquilo que se pode ver. O Evangelho desta solenidade de Nossa Senhora apresenta, em Caná da Galileia, o primeiro sinal de Jesus. Serão, ao todo, sete.

O sinal de Jesus foi realizado durante uma festa de casamento em que também estavam presentes sua mãe e os discípulos (v. 2). Aconteceu que, durante a festa, o vinho terminou. Uma festa sem vinho era uma festa fracassada. Maria logo percebeu e foi dizer a Jesus: “Eles não têm mais vinho” (v. 3). O cenário da festa de casamento (imagem da festa humana) que não tem mais vinho (imagem da alegria) indica a situação de uma humanidade que perdeu a esperança, que perdeu o sentido da vida. Havia muita força contrária à felicidade das pessoas. A sensibilidade de Nossa Senhora era muito genuína e forte. Maria percebeu que o povo estava necessitado de um “vinho novo”, de um vinho “muito melhor” do que aquele que costumava beber, e, para suprir essa

necessidade, ela também indicou o caminho: “Fazei o que ele vos disser” (v. 5).

Não foi o mestre-sala, o responsável pela festa, quem “resolveu” a falta de vinho. Maria entendeu que aquela situação precisava da intervenção de Jesus. Outro detalhe evidencia a causa da “falta de alegria” das pessoas: havia seis talhas no pátio do local onde ocorria a festa (v. 6). As talhas de água eram para a purificação das pessoas, um gesto piedoso de quem queria ficar “puro” diante de Deus. As talhas estavam vazias, e Jesus transforma aquelas talhas de água em talhas de vinho. O ritualismo exterior não estava ajudando as pessoas a viver felizes. As talhas precisam de Jesus, os ritos precisam de Jesus, uma denominada pureza sem Jesus não faz sentido. É ele o vinho novo, a vida nova!

Os pescadores João Alves, Felipe Pedroso e Domingos Garcia, em 1717, no rio Paraíba do Sul, fizeram a experiência da presença e da sensibilidade de Maria, a Mãe Aparecida, no meio da angústia da pesca. A mesma Mãe que está muito atenta às necessidades dos filhos. “Eles não têm mais vinho”, “eles não têm mais alegria”, “eles não têm mais esperança” é a prece simples de Nossa Senhora, que sabe, como mais ninguém, que nossas “talhas” precisam de Jesus, o “vinho novo” da nossa humanidade.

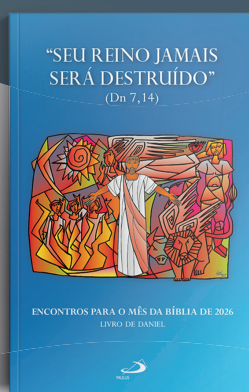
III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A celebração de Nossa Senhora da Conceição Aparecida nos insere na festa de Caná da Galileia, naquele “terceiro dia”. Nascemos para ressuscitar, e a ressurreição é a graça contida nas “talhas cheias de vinho”, símbolo maior da alegria e do amor! Esta é a festa que a presença de Maria torna possível: nossos vazios, nossos silêncios, nossa pequenez são assumidos e conduzidos na direção de Jesus. “Fazei o que ele vos disser” são as primeiras e as últimas palavras de Maria no Evangelho de João. Todas as nossas palavras devem servir para aproximar nossa humanidade do coração amoroso do Senhor!

LIVRO DE DANIEL

ENCONTROS PARA O MÊS DA BÍBLIA

Pe. Nilo Luza, ssp /
Pe. Paulo Bazaglia, ssp



Esta obra propõe quatro encontros para ler, meditar, rezar e viver a Palavra, acompanhados de uma introdução que contextualiza o livro de Daniel. Cada encontro convida o leitor a refletir sobre passagens que abordam a fé e a fidelidade a Deus em meio às dificuldades, ajudando a trazer a mensagem do livro para a vida cotidiana e a fortalecer a caminhada cristã.



**ADQUIRA
JÁ**

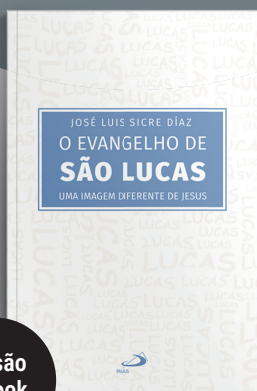
Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

O EVANGELHO DE SÃO LUCAS

UMA IMAGEM
DIFERENTE DE JESUS

José Luis Sicre Díaz



Versão
E-Book

Uma introdução completa ao Evangelho de Lucas, com comentário crítico e reflexivo. Escrito em linguagem acessível para as pessoas que, embora conheçam a mensagem das passagens bíblicas, não possuem especialização teológica.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

29º DOMINGO DO TEMPO COMUM

18 de outubro

O primado de Deus!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia da Palavra deste 29º Domingo do Tempo Comum recorda que Deus deve ser o centro da nossa vida. Ele é o Senhor da história, o criador, o libertador e o redentor da humanidade. Nossa resposta deve ser a vivência do amor, que, no testemunho da comunidade de Tessalônica, foi traduzido em fé, esperança e caridade. O rei Ciro, ao possibilitar o retorno do povo exilado na Babilônia, tornou-se um instrumento importante de Deus para comunicar a libertação dos israelitas. Ser instrumento de Deus significa abrir os olhos para “os dois lados da moeda”, ou seja, para a realidade, sem esquecer que o centro de tudo é Deus, e trabalhar cotidianamente para que seu Reino seja assumido e vivido no meio da humanidade. Trata-se, também, de enfrentar e desarticular o poder dominador de tantos “imperadores” que oprimem os filhos e filhas de Deus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I LEITURA (Is 45,1.4-6)

O exílio dos israelitas na Babilônia foi um dos acontecimentos mais trágicos da história daquele povo. Para quem experimentou a opressão, naqueles mais de cinquenta anos, a esperança de retornar para a terra dos seus antepassados parecia diminuir a cada dia, dada a situação de domínio do poder babilônico.

É do meio de um cenário de desilusão que o profeta anuncia que Deus não esqueceu seu povo e que haverá um momento novo para eles. A esperança tem nome: Ciro, rei dos persas. Ao tomar o poder da Babilônia, o rei autorizou uma vida nova para os israelitas: a possibilidade de voltar para a terra dos seus antepassados, praticar sua fé e reconstruir os lugares de culto. Sabemos que o retorno não

foi fácil, a reconstrução custou muito, mas era possível ainda sonhar.

O profeta anuncia Ciro como um rei escolhido por Deus para libertar os israelitas: “Tomei-o pela mão para submeter os povos ao seu domínio, dobrar o orgulho dos reis, abrir todas as portas à sua marcha, e para não deixar trancar os portões” (v. 1). Ciro foi um instrumento divino, assim como Deus despertou e continua despertando, no meio da humanidade, diferentes maneiras de realizar sua vontade. Um instrumento está sempre a serviço de algo ou de alguém; não é ele o centro de tudo, mas realiza um projeto em vista daquele que é o centro. Deus é o verdadeiro Senhor da história, e Ciro realizou sua vontade ao possibilitar o retorno do povo exilado.

2. II LEITURA (1Ts 1,1-5b)

Tessalônica era a cidade mais importante da Mesopotâmia no século I, porque sua localização, próxima ao mar, lhe possibilitou tornar-se um grande centro comercial. Paulo chegou a essa cidade durante sua segunda viagem missionária e, conforme a leitura, estava acompanhado de Silvano e Timóteo (v. 1). A comunidade fundada ali era pujante, viva. Os estudiosos garantem que, redigida por volta do ano 50, essa carta foi o primeiro escrito do Novo Testamento.

O trecho se inicia com uma “ação de graças” pela experiência da fé vivida por essa comunidade. Em seguida, São Paulo sinaliza a expressão dessa fé: “recordamos sem cessar a atuação da vossa fé, o esforço da vossa caridade e a firmeza da vossa esperança em nosso Senhor Jesus Cristo” (v. 3). A fé, a caridade e a esperança, essas três virtudes fundamentais, traduziram-se, naquela comunidade, em um estilo de vida que merece louvor.

Nossas comunidades cristãs, apesar do esforço de viver o Evangelho de Jesus Cristo, muitas vezes são manchadas pela hipocrisia dos seus membros, que dividem e escandalizam o mundo com atitudes pequenas. O caminho será sempre este mapa que a comunidade de

JESUS RESSUSCITADO SEGUNDO OS RELATOS PASCAIS

NARRATIVAS, INTERPRETAÇÕES
E MENSAGEM EVANGELIZADORA

Armando Noguez



Versão
E-Book

O livro busca ser uma ferramenta de estudo que pode ajudar grupos cristãos a aprofundar sua fé e se motivar a seguir o caminho de Jesus com liberdade evangélica e confiança, certos de que a presença do Ressuscitado mantém viva a esperança.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

AS GRANDES CONTROVÉRSIAS DE JESUS

RELATOS, HISTÓRIA E
MENSAGEM DESCOLONIZADORA
SEGUNDO MARCOS

Armando Noguez



Versão
E-Book

A obra aborda detalhadamente o corpus dos relatos de controvérsia do Evangelho segundo Marcos, recorrendo aos conhecimentos exegéticos e teológicos disponíveis. Junto com as parábolas, ações simbólicas e milagres, as controvérsias emergem como um tema relevante para o estudo exegético.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Tessalônica abriu, não sem dificuldades: fé, caridade e esperança, sem limites!

3. EVANGELHO (Mt 22,15-21)

Nossa relação com Deus corre o risco de se transformar em “posso ou não posso, devo ou não devo, é lícito ou não é lícito”. Deus vai se tornando como que uma instância ética à qual devo satisfações e com a qual parece que me encontro mais para um acerto de contas do que para qualquer outra coisa. Pelo Evangelho, é possível encontrar Deus com o rosto da humanidade. Em Jesus Cristo, a fé recebe o estatuto de uma relação. Deus deve ser o centro da nossa vida, para o qual nosso olhar está direcionado e nossa prática está orientada. No entanto, essa experiência não pode ser feita fora do mundo, fora do primado da realidade.

A pergunta que os fariseus e partidários de Herodes fizeram a Jesus, no Evangelho, numa tentativa de pegá-lo no erro para condená-lo, foi: “É lícito ou não pagar imposto a César?” (v. 17). Jesus, que já tinha compreendido as intenções, convida-os a olhar uma moeda: “De quem é a figura e a inscrição que está nessa moeda?” (v. 20). Fugindo da armadilha, sentenciou: “Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (v. 21). Muito maior do que o imposto a ser pago a César é o valor da vida de cada pessoa que pertence a Deus.

Servir a Deus e servir a César encontra sentido no serviço à humanidade. De fato, para além das muitas espiritualidades que sugerem uma “fuga do mundo”, o Evangelho recorda esta verdade: Jesus assumiu em tudo a condição humana, e tudo que é humano é também de Deus. Não há fé senão com os pés bem colados na vida cotidiana, por dentro das contradições dos “lados da moeda”.

A admiração, o espanto, o fascínio que Jesus causava eram expressão de compromisso e solidicidade com a vida! Vida que não era reduzida a uma soma de atividades, mas era sempre elevada à transcendência. Jesus superou o risco que o poeta William Blake chamou “da visão única e

do sono de Newton”. No romance *Middlemarch*, George Eliot escreveu uma espécie de elogio à atenção com a vida: “Se fôssemos dotados da capacidade de ver e ouvir cada detalhe da vida comum, poderíamos perceber o movimento da grama que cresce e o batimento cardíaco dos esquilos e morreríamos do barulho constante que é o outro lado do silêncio”.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A liturgia da Palavra recorda que os cristãos têm um compromisso fundamental de agir no mundo em vista do Reino de Deus. Não se pode viver de qualquer jeito nem ser seguidor de Jesus Cristo de qualquer jeito. O batismo empenha nossa vida e nos orienta para o caminho da justiça, que nega qualquer tipo de privilégio e qualquer forma de corrupção. Com os olhos bem abertos para o real – marcado por tantas opressões, como foi aquela do povo exilado na Babilônia –, nossa fé deve traduzir-se em práticas que garantem a vida, que possibilitam sonhar com dias melhores e que guiam tudo para Deus.

30º DOMINGO DO TEMPO COMUM

25 de outubro

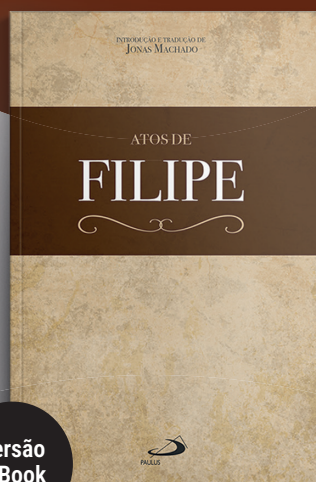
O primado do amor!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A última frase escrita por Dante na *Divina comédia* ajuda a entrar na liturgia da Palavra deste 30º Domingo do Tempo Comum: “L’amor che move il sole e l’altre stelle”. A escrita em toscano, similar ao que se conhece hoje como a língua italiana, pode ser traduzida por “o amor que move o sol e as outras estrelas”. O sumo poeta, depois de conhecer os territórios do Inferno e do Purgatório e de experimentar a esperança do Paraíso, finaliza com uma espécie de dança cósmica, em que tudo converge para o amor, sem o qual nada pode aproximar-se de Deus. O amor é, de fato, o centro de tudo! O Evangelho vai recordar esse movimento contínuo, permanente e inseparável: o amor a Deus e o

ATOS DE FILIPE

Jonas Machado (introdução e tradução)



Versão
E-Book

Trata-se de um conjunto, tido como posterior aos cinco grandes Atos Apócrifos dos Apóstolos, que acabou, como eles, por ficar à margem do cânon. São documentos que mostram concepções religiosas de determinados grupos cristãos da Antiguidade, as quais contribuem para a compreensão da história do cristianismo.



**ADQUIRA
JÁ**

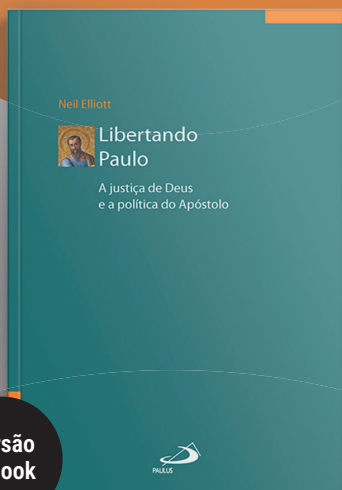
Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

LIBERTANDO PAULO

A JUSTIÇA DE DEUS E A POLÍTICA DO APÓSTOLO

Neil Elliott



O autor propõe ao leitor uma nova compreensão de São Paulo, evidenciando o caráter libertador de seu legado, muitas vezes obscurecido por interpretações equivocadas. Para isso, analisa como o pensamento paulino foi apropriado ao longo da história para sustentar privilégios e, em seguida, examina a prática apostólica de Paulo à luz dessa perspectiva.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

amor aos irmãos. Por isso, o amor não deve ser uma teoria, um conceito abstrato, mas deve ser vivido na atenção aos mais frágeis, “os estrangeiros, os órfãos, as viúvas e os pobres” de cada tempo e de cada lugar. Como a comunidade de Tessalônica, essa experiência se realiza na alegria e nas dificuldades, nas contradições de cada dia.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I LEITURA (Ex 22,20-26)

O trecho dessa leitura está dentro do chamado “Código da Aliança”, uma série de preceitos ético-sociais que tornavam bem prática a vivência do Decálogo, as “Dez Palavras” entregues por Deus a Moisés, que estabeleciam o fundamento do estilo de vida dos israelitas com Javé e com os irmãos da comunidade.

O código evidencia três categorias de pessoas “abandonadas” que merecem atenção privilegiada: 1) os estrangeiros; 2) os órfãos e as viúvas; 3) o pobre que precisou pedir dinheiro emprestado. Todos carregavam o peso de não ter defesa, de viver no pleno abandono e na solidão. A comunidade deveria ser, para eles, o refúgio e a fortaleza.

“Não oprimas nem maltrates o estrangeiro” (v. 20). O código se abre com a consciência de que também o povo israelita foi estrangeiro no Egito. Viver distante da pátria, da família e da cultura pode ser extremamente violento para uma pessoa, dado que seu quadro de referências fica muito frágil. O preconceito e a intolerância se tornam pesos ainda maiores para uma situação já bastante difícil.

“Não façais mal algum à viúva nem ao órfão” (v. 21). Nenhum mal, nenhum peso a mais do que aquele que já têm de carregar, é o mandato de Deus. De fato, os órfãos e as viúvas viviam a situação do abandono total do marido e do pai. Em uma sociedade patriarcal, tal condição era a pior possível, porque não restava nenhuma proteção. Deus é o único defensor, por meio da prática da comunidade.

“Se emprestares dinheiro a alguém do meu povo, a um pobre que vive ao teu lado,

não sejas um usurário, dele cobrando juros” (v. 24). Muitas pessoas precisavam de ajuda por causa dos altos impostos ou das tragédias no campo, que não possibilitavam a produção e a sobrevivência. Esses pobres se tornavam presas fáceis de especuladores, que buscavam o lucro na necessidade das pessoas. A comunidade não pode entrar nessa dinâmica de injustiça e de corrupção, a fim de manter a aliança com Deus.

2. II LEITURA (1Ts 1,5c-10)

São Paulo faz grande elogio à comunidade de Tessalônica, que, por meio da vivência da fé, fez o testemunho do seguimento de Jesus Cristo ultrapassar as fronteiras geográficas: “a partir de vós, a Palavra do Senhor não se divulgou apenas na Macedônia e na Acaia, mas a vossa fé em Deus propagou-se por toda parte” (v. 8). A causa dessa experiência é a abertura da comunidade ao Senhor: “acolhendo a Palavra com a alegria do Espírito Santo” (v. 6).

Na origem de uma boa comunidade está a disposição de se deixar conduzir pela Palavra de Deus. Não se trata somente de confrontar ideias, mas sobretudo de acolher o Espírito Santo, que conduz por lugares inimagináveis. De fato, apesar do sucesso dessa comunidade, não se pode esquecer que ela passou por momentos muito fortes de hostilidade e de perseguição. A evangelização nunca é tranquila, sempre provoca e desestabiliza determinados grupos, que se sentem ameaçados à medida que se estabelece a pessoa humana como fundamento do cuidado e do amor. A comunidade cristã cresce no paradoxo.

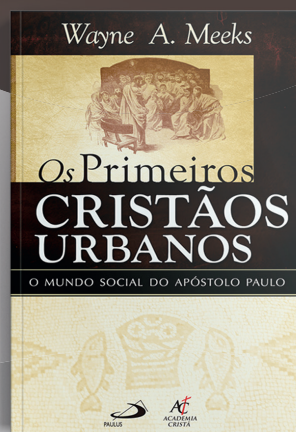
3. EVANGELHO (Mt 22,34-40)

No último domingo, acompanhamos uma controvérsia entre os fariseus e Jesus sobre o tema dos tributos. No Evangelho deste domingo, aparece outra controvérsia, que diz respeito ao maior mandamento da Lei. Os diálogos que os fariseus buscavam estabelecer não eram para tentar buscar pontos de convergência, mas para acusar e desmoralizar Jesus. Carregavam as ofensas prontas.

OS PRIMEIROS CRISTÃOS URBANOS

O MUNDO SOCIAL DO APÓSTOLO PAULO

Wayne A. Meeks



Esta publicação analisa o ambiente social, econômico e cultural das comunidades paulinas, usando as epístolas como fonte e revelando como o cristianismo se estruturou nas cidades do Império Romano.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Na tentativa de pôr em prática o Decálogo, os doutores da Lei, que se achavam os maiores detentores da moral e dos bons costumes, tinham multiplicado uma série de preceitos, de códigos, de proibições, a ponto de já não se saber o que era essencial e o que era secundário. Para Jesus, o mais importante não era a discussão sobre “o mais importante”, e sim sobre o sentido da Lei e sobre aquilo que fundamentava todo o estilo de vida que Deus tinha revelado a Moisés.

O amor a Deus e o amor aos irmãos e irmãs estão no fundamento de tudo que vem depois. Nada resiste sem amor: “Toda a Lei e os Profetas dependem desses dois mandamentos” (v. 40). Jesus não era apegado aos preceitos, não permaneceu na superficialidade das normas nem nunca desistiu de anunciar um amor vivido na prática, na sensibilidade para com a vida das pessoas, especialmente os mais sofredos. Amar a Deus, como fez a comunidade de Tessalônica, significa abrir-se à sua Palavra. Amar os irmãos e irmãs significa não invisibilizá-los, mas estender-lhes a mão e emprestar-lhes a voz.

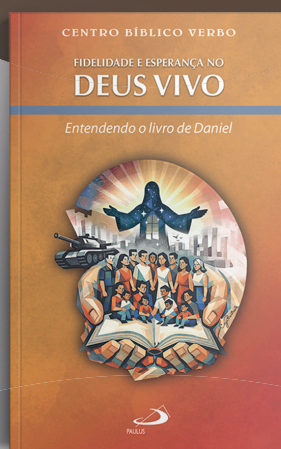
III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O verbo “amar” aparece, no Evangelho, conjugado no futuro: “Amarás”. Nosso futuro depende da capacidade de amar, da qualidade do amor. No meio das guerras, dos conflitos, das divisões dentro da comunidade cristã, estamos sempre mais próximos da morte. A ameaça ao futuro é forte denúncia de que o amor está sendo deixado de lado. O abandono do amor pode encontrar uma compensação no apego frio às normas exteriores. De fato, os fariseus não estavam preocupados com a vida das pessoas, mas em manter seus privilégios e seu olhar reduzido. O risco de uma vida apequenada, fechada em ideias inquestionáveis, é consequência do fechamento ao amor, do apagamento de um futuro melhor. A primeira reação é abrir os olhos, identificar “os estrangeiros, os órfãos, as viúvas, os pobres” do nosso tempo, para amá-los a ponto de permitir que sejam questionados todos os nossos julgamentos.

FIDELIDADE E ESPERANÇA NO DEUS VIVO

ENTENDENDO O LIVRO DE DANIEL

Centro Bíblico Verbo



Entre desafios em terras estrangeiras, sonhos enigmáticos e revelações proféticas, o livro de Daniel apresenta um Deus soberano que governa a história. Com forte caráter apocalíptico, suas profecias apontam para o juízo divino, a queda dos impérios humanos e a esperança final do povo de Deus.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Clássicos do Cristianismo

Textos **essenciais** daqueles que viveram a fé em profundidade e deixaram uma **rica herança** espiritual para a Igreja.



**Edições em
capa dura:**

*maior durabilidade para conteúdos
que atravessam o tempo.*



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @ @editorapaulus

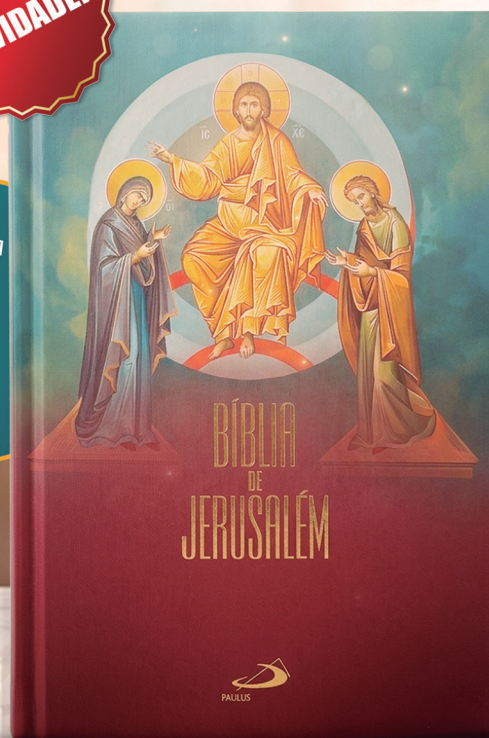
ADQUIRA EM:



Aonde você for, a
PALAVRA
vai com você.

NOVIDADE!

*A Bíblia de Jerusalém,
referência no estudo da
Palavra, agora em um
formato prático para
acompanhar você em
cada momento do
seu dia.*



Edição de bolso
11,5 cm x 17,5 cm

DISPONÍVEL NAS VERSÕES



capa cristal



capa dura



zíper



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 4011
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus

**GARANTA JÁ
A SUA:**

